THE SLOT .com.BR

ISSN 0063-025X
9 770063 025005 >

224

27/03
2009

A polêmica

núme

15:22
0
0
24
17
SUNSHINE VILLAGE
skibanff.com
ENMAX ENERGY BOARD
ENMAX
PENGROWTH SADDLEDOME
www.standardlife.ca
DANNBURG FLOOR COVERINGS
Canon
CANADIAN

ro224

4 **Editorial**
Só faltou ir para a banca

5 **Prorrogação**
A seção que encerra o jogo e abre a revista

12 **Polêmica**
Debate: comemoração de Ovechkin
O recrudescimento da imbecilidade

18 **A saga dos lanternas**
Capitalizando na derrota
Corrida maluca
Crime e castigo

27 **História**
Cinco originais?

30 **Detroit Red Wings**
A Mula & o cara

34 **Disco Riscado**

36 **Rússia**
Liga Continental em revista

40 **Faceoff**
Ainda Iggy x MacInnis

TheSlot.com.br é uma revista online semanal gratuita. Número 224, 27 de março de 2009. **Editores-chefes:** Alexandre Giesbrecht e Marcelo Constantino. **Diretor de Arte:** Alexandre Giesbrecht. **Editor Assistente:** Humberto Fernandes. **Programador:** Cláudio Aguiar. **Equipe:** Alessander Laurentino, Daniel Novais, Eduardo Costa, Fabiano Pereira, Igor Veiga, Marco Aurelio Lopes e Rafael Roberto. **Faxineiro:** Jacy Borreaux. **E-mail:** equipe@theslot.com.br. Foto da capa: Mike Carlson/AP. Foto desta página: D'Arcy Norman/Flickr.

Só faltou ir para a banca

Há dois anos e cinco meses lançamos nossa primeira edição em PDF. Foi uma tarefa árdua, que sabíamos não ser possível repetir com frequência, mas também não esperávamos levar tanto tempo para lançar a versão seguinte. O lado bom desse intervalo foi que agora podemos nos aproveitar de uma série de ferramentas que fomos descobrindo ao longo dos anos para ilustrar as nossas matérias.

Não houve planejamento e os colunistas foram avisados em cima da hora que teriam um prazo mais curto para entregar os textos. De tão maluca, a ideia só poderia dar certo!

É notória a dificuldade de encontrar fotos de hóquei em alta qualidade na Internet. O máximo que se encontra são fotos da Getty Images no Yahoo e da AP no Sportsline (com um "truque" para melhorar um pouco a qualidade). Essas fotos simplesmente quebram o galho, mas colocá-las em tamanho grande em um PDF para visualização na tela já é complicado; imagine para impressão. A imensa popularidade alcançada pelo Flickr nos últimos anos ajudou nesse ponto. Não são fotos extremamente atuais, é claro, mas, para uma revista que se propõe a analisar os fatos, ao invés de simplesmente noticiá-los, já é possível trabalhar. Na Wikipédia também existem algumas boas fotos que podem ser usadas, e esse arquivo só tende a crescer com o tempo. Por mais que o Flickr tenha se popularizado e a Wikipédia continue crescendo, eles ainda não são a solução para todas as nossas necessidades fotográficas. É aí que entram as fotos conceituais do Stock.Xchng, um serviço de fotos gratuitas. Não, ainda não é o ideal, até porque apoiamo-nos simplesmente no *fair use* norte-americano para usar as fotos das agências internacionais. As das nossas opções alternativas citadas acima são liberadas para uso, inclusive comercial, se fosse o caso.

A cada vez que trombávamos com uma dessas alternativas batia a vontade de produzir mais uma edição "quase de verdade". A fagulha que detonou esta edição foi nosso segundo debate virtual (que você encontra a partir da página 12). O próprio debate nasceu por acaso, e foi por acaso que resolvemos diagramá-lo em PDF. Finalizada a tarefa, e com tempo de sobra até a quarta-feira, dia do fechamento, um dos desocupados da redação resolveu perguntar por que não fazer todo o resto da edição em PDF. Afinal, já tínhamos coletado diversas fotos para um dia usar. De tão maluca, a ideia só poderia dar certo! Afinal, não foi feito um planejamento, os colunistas foram avisados quase em cima da hora que teriam um prazo mais curto do que o normal para entregarem seus textos.

O encarregado da arte também teve de trabalhar triplicado para diagramar simplesmente *tudo* o que foi publicado — normalmente, a tarefa de diagramar em HTML é dividida entre alguns colaboradores. Esse encarregado foi o responsável pelo novo visual da revista "impressa", que já vinha sendo trabalhado em paralelo sem perspectivas de ir para o ar tão cedo, o que significou soluções de penúltima hora para espaços que não haviam sido previstos nos modelos elaborados semanas antes.

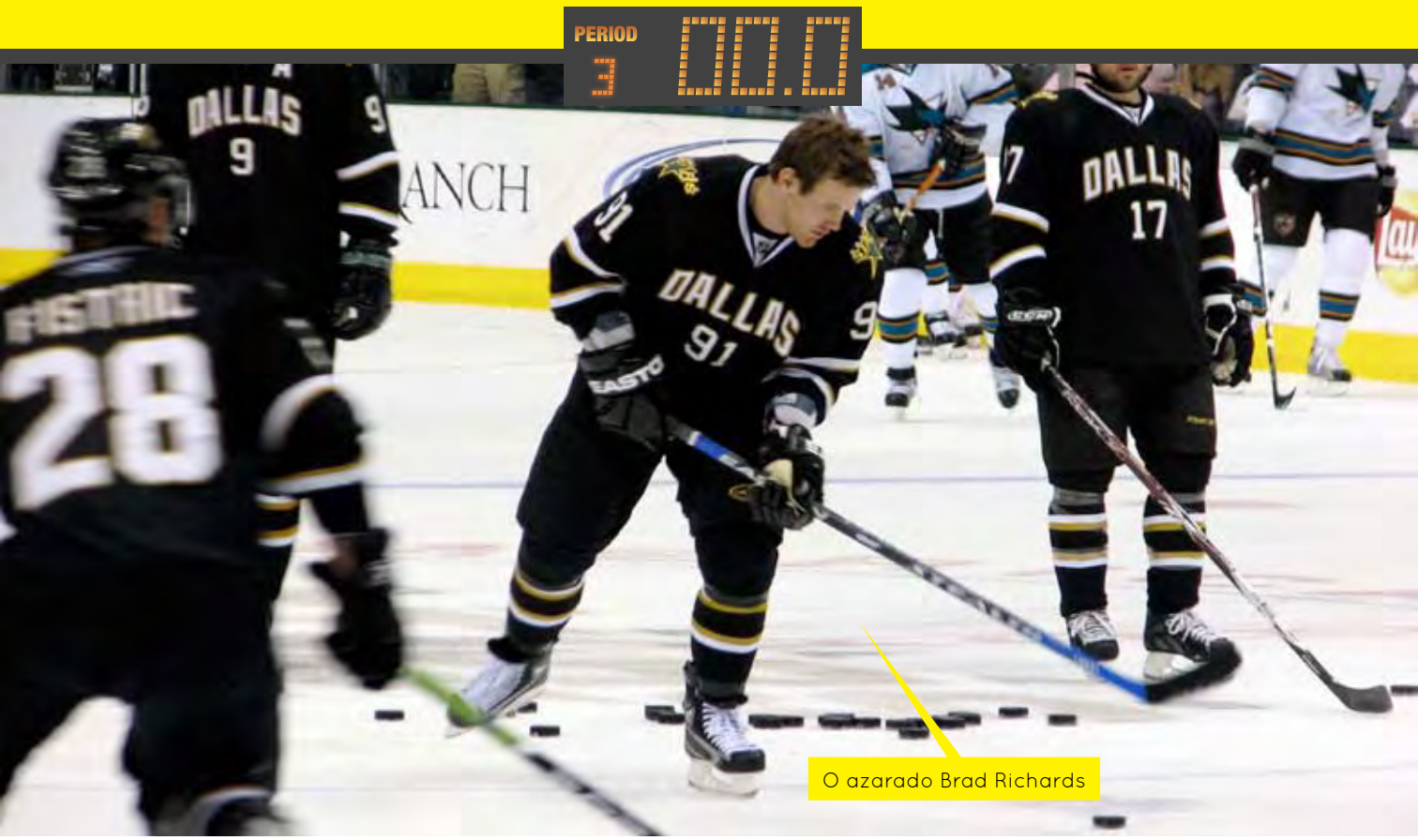
O resultado são estas páginas que estão abertas na sua tela. Ou até nas suas mãos, se você resolver imprimir, uma opção muito melhor que as avacalhadas páginas impressas a partir de HTML, com quebras estranhas de linha e de página, imagens perdidas, páginas em branco sobrando no fim... Gostamos do resultado. Para nós, é uma edição que merece ser impressa. Esperamos que você também tenha gostado.

Um abraço,

Alexandre Giesbrecht

PRORROGAÇÃO

A SEÇÃO QUE ENCERRA O JOGO E ABRE A REVISTA



O azarado Brad Richards

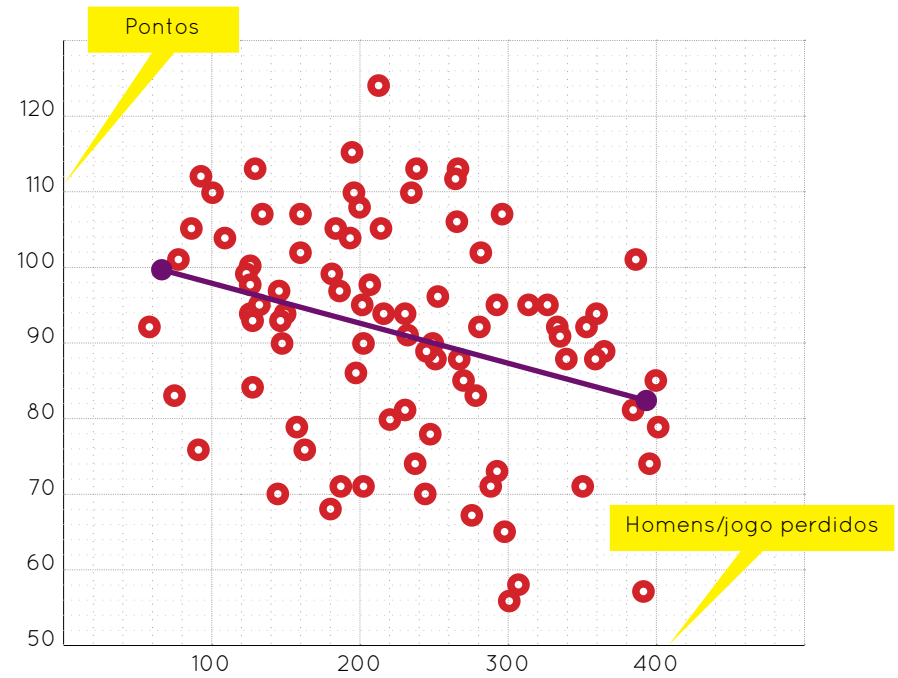
Não há hoje time mais azarado que os Stars e jogador mais sem sorte que Brad Richards. No sábado, Richards retornou ao time para o seu primeiro jogo desde meados de fevereiro, quando sofreu uma contusão no pulso direito. Mas na derrota para os Sharks por 5-2, provavelmente em um choque com Joe Pavelski, Richards quebrou a mão esquerda e ficará afastado pelo resto da temporada e possivelmente também dos playoffs. Ex-vencedor do Conn Smythe, Richards marcou 16 gols e 48 pontos em 56 jogos na temporada. É o terceiro grande desfalque do time, que não conta com o capitão Brenden Morrow e o defensor Sergei Zubov desde novembro. Os Stars têm a quarta pior campanha da liga desde o dia-limite de trocas, com apenas três vitórias em nove jogos. Para chegar aos playoffs será preciso vencer oito dos dez jogos restantes.

Compilação: Eduardo Costa e Humberto Fernandes **Design:** Alexandre Giesbrecht

FOTO: ERIC WALLACE/FLICKR

Quantificando o dano

Desde o locaute ninguém perdeu tantos jogadores por contusão quanto o New York Islanders. A média do time nas últimas três temporadas, somada à projeção desta, indica que os Islanders perderam, por ano, 392 jogador/jogos, com absurdos 566 projetados até abril. O Philadelphia Flyers vem a seguir, com 353, seguido pelo St. Louis Blues, com 349. Segundo o gráfico elaborado por Kyle Joecken, um estudante de matemática da Universidade Ohio State, no período entre 2005-06 e 2007-08 as equipes que perderam 100 jogador/jogos conquistaram cerca de dez pontos a mais na classificação que os times que perderam 300 jogador/jogos. Pela leitura do gráfico observa-se que é praticamente impossível realizar uma grande campanha com mais de 300 jogador/jogos perdidos por contusão — o Washington Capitals será somente a segunda equipe desde o locaute a marcar mais de 100 pontos nessa situação. A conclusão de Kyle, baseada nos dados e ignorando o fato de que algumas contusões são muito mais devastadoras que outras, é clara: as equipes perdem um ponto para cada 20 jogador/jogos perdidos por contusão.



Não é que era verdade?

Segundo o jornal *Denik Sport*, da República Tcheca, os rumores que ligavam o nome de Jaromír Jágr ao Edmonton Oilers eram genuinamente verdadeiros. E quem confirma a história é o próprio jogador. Os Oilers e o Avangard Omsk concordaram que, se a equipe russa não se classificasse para os playoffs ou fosse varrida na primeira fase pelo Salavat Yulaev, Jágr estaria liberado para se apresentar ao Edmonton. Apesar de se classificar na última posição, com 51 pontos a menos que os líderes, o Avangard eliminou o favorito ao título e foi até o quinto e último jogo da segunda fase, contra o Ak Bars Kazan, perdido na prorrogação. Jágr terminou em sétimo lugar na pontuação, com 25 gols e 53 pontos em 55 jogos. O Tcheco Maravilha confirmou que ainda pode retornar à NHL em 2009-10, mas que isso dependerá de um acordo entre o seu atual time e o Edmonton ou qualquer outro interessado. Por sua iniciativa, ele não rescindirá o contrato com o time da cidade que só conhecemos pelo tabuleiro de War.

Chris Chelios

Nada de adeus

Quatro dos melhores jogadores dos últimos 20 anos planejam o futuro de suas carreiras. Ao contrário do que suas idades indicam, nenhum desses veteranos pensa em pendurar os patins.

É o caso de Chris Chelios, de 47 anos, defensor dos Red Wings. Mesmo sendo pouco utilizado nesta temporada, ele planeja continuar em atividade, mas reconhece que em outubro não estará mais no atual time. Com a ascensão de jovens defensores recrutados pela franquia, os Wings não têm espaço no elenco para manter um dos mestres da posição. Com 25 temporadas de experiência, Chelios terá que procurar emprego em outro lugar.

A aposentadoria também não está nos planos do goleiro Curtis Joseph. Aos 41 anos, CuJo considera-se uma boa opção como reserva em virtude do teto salarial. Em 15 aparições nesta temporada, ele tem 3-7-1, com 86,7% de defesas e 3,47 gols sofridos por jogo. Mas, se depender de Ron Wilson, treinador dos Maple Leafs, Joseph não permanecerá em Toronto. "Ele ainda pode ser o reserva em algum lugar." Difícil acreditar que CuJo encontrará uma equipe para disputar sua 20.ª temporada.

Capitão dos Hurricanes, Rod Brind'Amour, 38 anos, sequer pensa em parar. "Não é uma questão de 'se eu vou jogar novamente'. Eu sei que ainda amo o jogo e acredito que ainda posso jogar. Essa é a chave." Reconhecido por sua garra e talento defensivo, Brind'Amour sofre na temporada: às vezes pareceu mais lento que o normal, perdeu faceoffs e desperdiçou a posse do disco. Com saldo de -25, é o segundo pior jogador da liga em mais/menos. Quando o técnico Paul Maurice sacou o capitão do time e o mandou para casa em fevereiro, Brind'Amour não reclamou. O descanso surtiu efeito: no mês seguinte ele marcou cinco gols e 11 pontos, com saldo de +5. E ele ainda sente que pode contribuir. É por isso que faz planos para sua 20.ª temporada.

Por último, o melhor jogador desse seleto grupo é Joe Sakic. Capitão do Avalanche, aos 39 anos ele recupera-se de uma cirurgia nas costas e do incidente com uma máquina de limpar neve, quando quebrou três dedos e sofreu danos no tendão. Há pouco Sakic voltou a patinar e a treinar com seus companheiros. Seu objetivo, pelo visto, é jogar ainda nesta temporada, provavelmente nos últimos jogos do seu time, que não irá aos playoffs. O mais natural para alguém que completará 40 anos daqui a três meses seria usar esse tempo para recuperar-se e preparar-se devidamente para mais uma temporada. Mas Terry Frei, colunista do jornal *Denver Post*, escreveu no começo desta semana que a única razão para Sakic voltar a jogar já em abril é despedir-se da torcida. Se isso realmente acontecer, a partir de outubro a NHL não contará com um dos maiores jogadores de todos os tempos, seguramente o melhor que já vestiu a camisa do Avalanche.

FOTO: DAN4TH/FLICKR

Evgeni Malkin, lado A

Com os cinco pontos marcados na vitória do Pittsburgh Penguins por 6-2 sobre o Atlanta Thrashers, Evgeni Malkin tornou-se o primeiro jogador da temporada 2008-09 a atingir a marca dos cem pontos. É a segunda vez em sua carreira que Malkin ultrapassa a marca centenária. Na temporada passada, o russo marcou 106 pontos. Antes da rodada de terça-feira, ele estava a um ponto de igualar sua melhor campanha na carreira. Foi a 29.ª vez na história que um jogador dos Penguins chegou aos cem pontos em uma temporada, deixando a equipe na primeira posição geral na liga no quesito "jogadores que atingiram a marca dos cem pontos em uma temporada". E a vantagem para o Edmonton Oilers, o segundo colocado, com 28, vai aumentar, assim que o capitão Sidney Crosby marcar mais cinco pontos. Não foi antes de 1968-69 a primeira vez na história da NHL que os jogadores atingiram cem pontos na temporada. Os protagonistas do feito, até então inédito, foram Phil Esposito, Gordie Howe e Bobby Hull. E de lá pra cá os Penguins reinaram absolutos, liderados por Mario Lemieux (dez vezes), Jaromir Jagr (quatro) e Crosby (a caminho da terceira vez).

Evgeni Malkin, lado B

Dois incidentes semelhantes ocorridos na mesma noite provaram que a NHL adota o sistema de dois pesos e duas medidas. Na sexta-feira 20, Ben Eager, intimidador dos Blackhawks, acertou um tranco na cabeça de Liam Reddox, dos Oilers, no terceiro período. Não foi marcada penalidade no lance, mas o comitê disciplinar da liga suspendeu-o por três jogos. Em Pittsburgh, faltando menos de 15 segundos para o fim do jogo entre Penguins e Kings e com o placar (4-1 Pens) decidido, Evgeni Malkin deixou de lado o disco e acertou uma cotovelada na cabeça de Wayne Simmonds. Malkin não deveria receber o benefício de ser uma estrela, mas, sim, uma suspensão, da mesma forma que Eager ou qualquer jogador dos Flyers receberia. Mas a NHL não suspenderia o artilheiro da temporada às vésperas de um jogo transmitido para todo o país pela NBC. Se a justificativa é a ausência de antecedentes de Malkin, então a liga faz mesmo vista grossa: há pouco mais de 20 dias, contra os Stars, Malkin foi direto na cabeça do ex-colega Darryl Sydor, em um tranco nas bordas que poderia ter causado uma grave contusão. Está na hora de aplicar a mesma regra para todos os jogadores.

FOTOS: AMANDA "RUBYSWOON"/FLICKR E WINDSOR STAR

(Quase) sem medo dos pênaltis

Quando os Hurricanes adquiriram o atacante Jussi Jokinen no começo de fevereiro, ninguém prestou muita atenção. Afinal, os Canes não estavam reforçando o time com um finalizador ou um criador de primeira categoria. Mas, para um time que fracassou em disputas de pênaltis nos últimos anos, a aquisição de Jokinen, especialista nesse tipo de jogada, faz todo o sentido.

Os pontos dos jogos decididos nos pênaltis podem ser essenciais para a classificação aos playoffs. O próprio Carolina sentiu isso na pele em 2006-07, quando não venceu nenhum dos cinco jogos que decidiu nos pênaltis e ficou de fora dos playoffs por apenas um ponto. Na temporada passada, a equipe foi a que menos venceu nos pênaltis (foram apenas duas vitórias) e foi eliminada por dois pontos.

Em 18 jogos pelos Hurricanes, Jokinen marcou um gol e sete pontos. Nas duas disputas de pênaltis de que a equipe participou desde então, o finlandês converteu uma de duas tentativas — e os Canes perderam os dois jogos. Independentemente disso, ele é o recordista de gols de pênalti da liga, com 22, marcados nos quase quatro anos de vigência desse critério de desempate de jogos. De jogos e, por que não dizer?, de classificação para os playoffs.

Olho no futuro

Fora do rinque, Ryan Ellis possui a envergadura de um jogador de gamão. Dentro dele, é inteligente o bastante para fazer com que seu tamanho diminuto não seja um grande problema. O linha azul é um dos destaques da CHL, que compreende as três principais ligas juniores do Canadá.

Artilheiro (87 pontos em 57 jogos) entre atletas de sua posição nesta temporada, Ellis teve sua cotação elevada após a ótima participação no último Mundial Sub-20, quando chegou à competição como sétimo defensor e rapidamente passou a fazer parte do núcleo de sua seleção. Após a final, em que o Canadá atropelou a Suécia, Ellis já estava no radar de vários clubes da NHL: ele foi um dos jogadores mais utilizados pelo trenador Pat Quinn nos momentos-chave dos jogos.

Defensor condutor de disco durante vantagens numéricas é artigo de primeira necessidade na NHL. Se nas fileiras de seu clube de predileção anda faltando essa nobre mercadoria, preste atenção em Ellis, porque ele deverá estar disponível para equipes entre a 8.ª e a 15.ª posições no recrutamento. Como bônus, levará um jogador com um chute muito forte e dono de passes precisos.

Quando se tem apenas 1,76 m e 80 kg, é preciso jogar com inteligência, priorizar colocação e antecipação sobre presença física. Ellis é muito elogiado por estar melhorando rapidamente nesses aspectos de seu jogo. Muitos gerentes gerais ainda têm receio de selecionar linhas azuis sem muita presença física, mas Ryan Ellis é bom o bastante para que esse medo seja vencido. Apesar de não ser o melhor defensor em sua própria extremidade disponível na OHL, ele está longe de ser considerado um jogador irresponsável. Deixou isso em evidência na ótima campanha do Windsor Spitfires nesta recém-finalizada temporada regular da OHL.

Em resumo: Especialista em vantagem numérica, grande chute, passe preciso. Disciplinado. Estilo e tamanho parecidos com os de Brian Rafalski. Deve estar sempre atento para não ser alvejado por atletas maiores. Bom posicionamento é um ingrediente que não pode faltar.

NOME
Ryan Ellis

TIME
Windsor Spitfires (OHL)

NASCIMENTO (IDADE)
3 de janeiro de 1991 (18 anos)

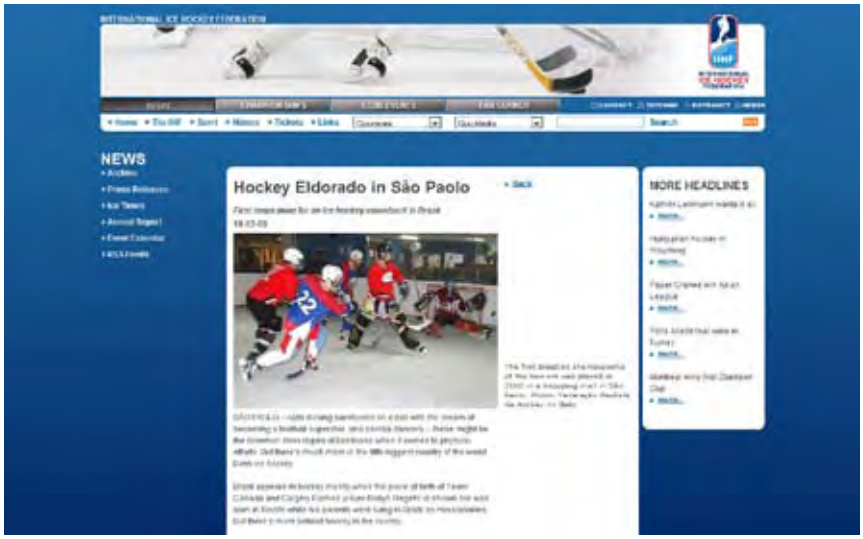
Hora da fofoca

Nem tudo são flores na vida de Martin Brodeur, o goleiro recordista de vitórias na NHL. Poucos dias depois de quebrar o recorde, ele sofreu uma considerável derrota em um tribunal de New Jersey. A corte determinou que o goleiro terá que pagar à sua ex-esposa pensão alimentícia de US$ 500 mil por ano até 2020, ano em que seu filho mais novo terminará o ensino médio. A última sentença foi requisitada por Brodeur após Melanie DuBois ganhar em primeira instância pensão alimentícia permanente. O goleiro queria pagar a pensão somente até sua aposentadoria, que ele previu para 2012. Sua ex-esposa pediu até 2024, provável ano da graduação na faculdade do filho mais novo. Além da pensão alimentícia, Melanie receberá US$ 132 mil anuais a título de apoio à criança e mais de US$ 9 milhões em outros bens. Brodeur e Melanie casaram-se em agosto de 1995, dois meses depois de o goleiro conquistar sua primeira Copa Stanley. De acordo com os registros da corte, o casamento acabou depois que Brodeur admitiu ter um caso com sua cunhada, que estava vivendo em sua casa para ajudar a cuidar das crianças. Melanie pediu o divórcio em 2003.

Carlyle prestigiado

Para aqueles que acreditavam que os jogadores dos Ducks haviam virado as costas para o técnico Randy Carlyle, os últimos resultados comprovam que essa não é a explicação para a má colocação da equipe na classificação. Nenhum time vence quatro jogos decisivos em sequência querendo que o treinador seja demitido. Em um grupo com líderes do porte de Scott Niedermayer, Chris Pronger e Teemu Selanne, é difícil acreditar que existiria qualquer espécie de boicote ao mais vitorioso técnico da história do time — Carlyle levou a equipe às finais de conferência em sua primeira temporada e ao título da Copa Stanley na segunda, sendo eliminado na primeira fase no ano passado. Mas, para esclarecer a questão, o gerente geral Bob Murray declarou: "Vai haver muitos jogadores saindo daqui antes que ele saia. Ele tem feito um ótimo trabalho. Ele não é o problema." Graças às vitórias sobre Nashville Predators e Phoenix Coyotes (duas contra cada), o Anaheim manteve-se vivo na briga por uma das últimas vagas em aberto na Conferência Oeste.

FOTOS: MORI CLAUDIA/FLICKR E REPRODUÇÃO



Nosso hóquei em destaque

O site da Federação Internacional de Hóquei no Gelo captou nossa essência. Quem de nós nunca desejou tocar reco-reco na bateria do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Cubango? Um sonho inferior apenas a ignorar nossos calçados e ir chutar um objeto esférico em uma rua qualquer de nosso imenso país. Mas tem gente que não nasce com muito "talento no pé". Seja para aqueles passos na avenida ou para entortar gringos com pedaladas. Humilhados por possuirmos um "DNA falsificado", juntamos os cacos da alma e vamos em busca de outro "esforço físico" válido. Nessa busca alguns encontram o hóquei.

Se a matéria do IIHF.com mereceu dez minutos por conduta anti-desportiva pelo seu início, ela marcou um hat trick natural quando passou a relatar o esforço de abnegados cidadãos que, aí sim, usando uma frase bem típica daqui, não desistem nunca. Desde a primeira partida disputada no Brasil, em 1967, no Hotel Quitandinha de Petrópolis, cidade serrana fluminense, até o I Campeonato Brasileiro de Hóquei, realizado recentemente no rinque do Shopping Eldorado, em São Paulo, é preciso prestar um tributo a esses indivíduos persistentes que dão um choque cruzado nas probabilidades e tentam propagar a chama do hóquei no gelo em nosso território.

Um desses é Alexandre Capelle Jr., maior referência do esporte no país — bem acima de Robyn Regehr e Mike Greenlay. Elogios sobram também para os que estiveram envolvidas no evento, seja em qual capacidade. Em TheSlot.com.br temos alguns sonhos. Um deles é estampar em nossa capa um brasileiro genuíno fazendo do hóquei no gelo seu ganha-pão, nem que seja na ECHL.

Apesar da crise econômica, as arenas da NHL estão recebendo mais público nesta temporada. A diferença é mínima, cerca de 121 torcedores a mais por jogo, mas todo acréscimo é positivo. De acordo com dados compilados pela ESPN, os Blackhawks têm a maior média de público da liga e também a que sofreu maior aumento do ano passado para cá: são mais de 22 mil espectadores por jogo, 5.537 além do registrado no ano passado. Os Capitals levam 2,6 mil pessoas a mais por jogo, comprovando o sucesso do time. A menor média pertence aos Islanders, com 13.614 espectadores, mas a maior queda absoluta é do Lightning, que sofreu profundas modificações nas férias e perdeu quase 2,3 mil torcedores por jogo.

Poderão os Canadiens superar a agitada segunda metade de temporada, a inesperada troca de técnicos e a possível venda do time e ainda realizar uma boa campanha nos playoffs? Isso não parece provável neste momento. Pelo menos, a classificação aos playoffs não parece ameaçada: os Habs precisam vencer cinco dos nove jogos restantes para se garantir na sequência da competição. Mas, para quem venceu apenas três dos últimos dez, o risco é grande.

A comemoração Ovech

Foi meio que por acaso que saiu o segundo debate virtual de TheSlot.com.br. Ao contrário do primeiro, quando alguns membros se reuniram para discutir diversos assuntos, desta vez ninguém imaginava que os e-mails trocados internamente na redação seriam publicados sob a forma de um debate. É o que se tornou a conversa informal entre os integrantes da revista sobre a polêmica envolvendo Alexander Ovechkin e a comemoração do seu 50.º gol na temporada.

Fabiano: Polêmica em cima da comemoração do 50.º gol do Ovechkin nesta temporada. Eu, particularmente, adorei. E quando você é o melhor jogador da liga, tem que comemorar mesmo. Claro que tudo isso começou com o Don Cherry...

Humberto: Aí, Marcelo, para você detonar! Querem arrancar a cabeça do Ovechkin por ele comemorar os gols!

Marcelo: Já tinha visto essa palhaçada em cima do Ovechkin, acho que começou semana retrasada. São duas coisas que se unem: (1) jornalistas sem assunto novo que precisam criar polêmicas ficam procurando esmola para ganhar manchete; e (2) a chamada escalada da patetice politicamente correta em todos os esportes. O futuro será fazer com que os jogadores peçam desculpas por fazer gols (no futebol vocês já devem ter visto — eu já vi — treinador dizendo que pediu para o time maneirar depois de estar vencendo um rival de goleada, digamos 4-0, 5-0, para não "gerar ressentimentos"). Fico imaginando o que Nietzsche diria desta palhaçada crescente.

Daniel: Faz umas semanas que apareceu no próprio Puck Daddy um vídeo com o próprio Don Cherry comparando essa comemoração com as do futebol (o nosso mesmo). Curiosamente, em todas elas, eram negros comemorando, e me lembro dele ter sido joco-

PARTICIPANTES DO DEBATE

Alexandre Giesbrecht
Daniel Novais
Eduardo Costa
Fabiano Pereira
Humberto Fernandes
Marcelo Constantino
Thiago Leal

LEIA NO SITE

theslot.com.br/2009/224/debate.php

de

kin

so quanto a isso. Bem, é o Don Cherry. No dia que ele tiver uma opinião "normal" vai me surpreender...

Eduardo: Achei sem graça essa comemoração. Ele saltando nas bordas é algo que curto, é pouco ortodoxo, mas parece ser algo bem natural dele. Já essa última achei meio exagerada. Daqui a pouco vai fazer que nem os palhaços do futebol: barata, trenzinho etc.

Alexandre: Com quem mais essa história poderia ter começado senão com o Don Cherry? Ele comparou as comemorações do Ovie às comemorações de... futebol! E até apresentou alguns exemplos, incluindo o de alguém da seleção brasileira que não consegui identificar. Não vejo nada de mais nas comemorações do Ovechkin. Não tenho absolutamente nada contra. Acho que o negócio só foi levantado por gente que estava cansada de ver o Crosby ser detonado injustamente, e resolveram arrumar alguma coisa contra o Ovechkin, por mais idiota que seja. São idiotas respondendo a idiotas. Não que essa última comemoração seja algo que eu faria. Acho infantil como aquelas que viraram moda no Paulistão de 1993. Mas não considero provocação.

Thiago: Você não gostou? Don Cherry não gostou? *Ótimo!* É exatamente por isso que foi legal. O bom do esporte são essas coisas. A discordância, a discussão, as rivalidades etc. Se todo mundo achasse tudo bonitinho, isso não teria a menor graça. É bom que Ovechkin faça esse tipo de "provocação", porque isso instiga os adversários a, quando jogarem contra ele, fazerem o possível para que ele não marque gols. E o instiga a marcar para continuar brincando. Às vezes levam esporte a sério demais. Esporte é entretenimento e diversão. Ovie é um garoto ainda e está curtindo ser o melhor jogador do mundo. Lembro que no começo algumas pessoas se queixavam de que Crosby estava sempre rindo. Ele recebia uma notificação ou uma penalidade e ia sorrindo para o banco. O que é que tem? O cara está se divertindo, está achando graça. Quem quiser drama e seriedade ainda tem tempo de se alistar: as tropas americanas ficam no Iraque pelo menos até 2011. Também há a opção de servir com as forças brasileiras no Haiti. Guerra é o que não falta por aqui. Mas isso é um jogo, caramba! Há pessoas que acham que isso é sala de aula...

Daniel: Concordo especialmente com a parte em relação à seriedade. Os Sens têm um exemplo bem típico disso: nesta temporada, infelizmente terminada prematuramente em Ottawa, obviamente a torcida quis trocar meio time, e uma das maiores acusações a Spezza era justamente não levar o jogo a sério. Bastou a chegada de um sistema de jogo mais adequado para o garoto explodir em pontos e boas atuações, inclusive defensivas, de novo, e a maioria dos torcedores mudar de lado. Às vezes as pessoas podem confundir a paixão e o prazer de poder jogar o jogo que tanto ama com desprezo ou desinteresse pela competição. Ainda bem que a maioria dos GGs da liga é mais esperta que seus torcedores. É fácil esquecer-se que jogadores de cem pontos por temporada não nascem em árvores. Ainda bem que não terei que ver Spezza se tornar um futuro Joe Thornton longe de casa.

Eduardo: Seus punks degenerados! Esse foi o primeiro passo para o "créu" ou para a "cucaracha" entra-

rem na NHL. Quem sabe na próxima não rola um "porco fuçando lavagem" ou uma "anaconda eletrecutada"? Vão sujar nossa liga! Não basta esse monte de gente se jogando para cavar uma penalidade? Qual a próxima "tradição" futebolística (?) vocês querem na NHL? Jogador marcando gol e levantando a camisa para que todos leiam seu credo religioso? "I belong to RR Soares"? Ok, modo Cherry desligado. Não gostei dessa coisa programada que o Ovechkin fez. Achei sem graça e desnecessária. Quando ele se joga contra as bordas após um tento é bacana, é algo espontâneo. Já coreografia é coisa de lambaeróbica (?), banda de axé ou jogador fanfarrão. Nem mesmo Bruce Boudreau gostou, e olha que o russo é sua principal arma dentro do gelo. Boudreau sabe que isso pode acabar mal na próxima vez. E quer drama e seriedade? Não precisa ir para o Haiti. Abril está chegando.

Alessander: Se Cherry fosse normal, não apareceria vestido mais esquisito que o Falcão em rede nacional.

Thiago: Bom, *eu* não gostei daquela comemoração. Eu nunca comemoraria um gol daquele jeito. Não foi isso o que eu quis dizer. Eu sou mais tradicionalista. Prefiro comemorações onde o jogador se joga nas bordas ou patina erguendo uma perna, levantando o braço do taco e socando o ar com o outro. Coisa mais tradicional mesmo. O que eu defendi foi a liberdade de Ovechkin para fazer o que bem entender ao comemorar um gol. Impedir o cara de comemorar é que não pode, porque para mim isso é impedir o hóquei. Então, que impeçam golaços, porque eles humilham também. Acho que qualquer comemoração é válida. O que achei legal foi o Ovie ter tido coragem de comemorar como bem quis e o fato disso ter gerado polêmica. Mas eu não faria aquilo jamais. Só que você impedir comemoração é o cúmulo. Giesbrecht, corrija-me se eu estiver errado, mas, se não me engano, na NFL é proibido comemorar touchdowns com os colegas, não é? Você pode imitar o Michael Jackson, jogar a bola no chão, virar cambalhota ou ficar de quadro batendo na própria bunda, mas comemorações coletivas eles barram porque isso "humilha" os adversários, não? Lembro que ouvi isso no tempo do Adler, se não me engano. Pois é. O que é isso? Que tipo de esporte é *esse*? Poxa! Sem graça foi aquele jogo clássico entre o Dínamo de Kiev e os nazistas, porque ali havia vidas em jogo. Mas esporte, em geral, é para tirar onda mesmo. Parece aquela coisa do futebol, quando se vê gente que se irrita com dribles.

FOTO: MIKE CARLSON/AP

Seus punks degenerados! Esse foi o primeiro passo para o "créu" ou para a "cucaracha" entrarem na NHL!

Alexandre: Até onde sei, na NFL não é permitido fazer comemorações espalhafatosas (o Ovechkin teria custado no mínimo algumas jardas a seu time na reposição), mas nunca ouvi nada sobre comemorações coletivas serem proibidas. O que não significa que elas não sejam, claro. Para mim, o cara comemora como quiser em que liga for. Se quer comemorar fingindo que é uma barata morrendo (eu escrevo isso e parece um exemplo absurdo, mas todos nós conhecemos o precedente), azar o dele: faça papel de idiota, sozinho ou em grupo! O taco quente não é tão estúpido, mas é estúpido o bastante. Eu é que não vou ficar implicando com isso. Vejo, acho imbecil e pronto. Essa polêmica já está muito maior do que deveria.

Thiago: Eu concordo com você. Eu nem vejo muito problema em discutir isso. Só que não vejo motivos para discutir isso como uma polêmica, mas sim discutir isso *rindo* do Ovechkin (rindo *dele*, não *com ele*), por ter feito

uma palhaçada sem noção. Daquelas que causam vergonha vicária, você fica envergonhado pelo cara e tal. Mas Don Cerry e outras pessoas se ofenderem com isso é *bem mais ridículo* que a comemoração. Mesmo assim, repito: todo tipo de provocação, para mim, é válido. A não ser que seja algo ofensivo, racista, preconceituoso etc. Se alguém fizesse um gol no Weekes e saísse imitando um macaco ou colocasse uma máscara da Ku-Klux-Klan, seria motivo para se ofender e punir o responsável. Mas se um cara marca um gol contra os Blackhawks e sai imitando um índio, problema dele. Eu já disse: tudo que estimule rivalidade e instigue "troco", para mim, é benéfico para o esporte.

Ovechkin comemora seu 50.° gol: muito barulho por nada?

Fabiano: Sobre a NFL, é isso mesmo. São 15 jardas a partir do punt (chute de devolução após um touchdown/field goal ser anotado). O time recebe a bola, e a partir de onde o jogador parar a equipe recua 15 jardas. Mas é algo tão subjetivo, que fica até difícil definir o que é fora do bom senso. Ele foi criado por causa de celebrações bizarras, como um jogador ligar do celular atrás da trave em Y ou puxar uma caneta da meia e assinar a bola. Mas imaginem isso na NHL? "New York Rangers penalty against number 17, Brandon Dubinsky, 2 minutes for Celebrating" Fantástico.

Humberto: Eu não sei se já disse isso, mas, para ficar registrado, eu afirmo (depois de ter revisto o vídeo): a comemoração do Ovie incomodou os meus olhos. É "estranho" ver isso acontecer no hóquei. Ele disse que chamou o Green para comemorar com ele, e o defensor não quis. Reparem que, no vídeo, o Green chega para cumprimentá-lo e chuta o taco de Ovechkin no chão. Para mim, deu a nítida impressão de algo como "Chega dessa palhaçada!". Não sou contra as comemorações. Mas isso é algo inédito, para mim, no hóquei. Nunca tinha visto. Ovechkin comemorou daquela forma para insinuar que o taco pegava fogo, que o taco dele é quente. Estamos falando do cara que marcou 50 gols pela terceira vez na sua carreira. Do cara que, se marcar 46 gols por ano até 2024, passa o Wayne Gretzky. Mas aí o Marcão [Marco Aurelio Lopes] leu em algum lugar que Tampa Bay é conhecida como "sei lá o quê *of fire*". E aí teria sido uma provocação, não uma comemoração. Não acho que o Ovechkin seja do tipo que faça provocações. Ele é o cara que tem um instinto absurdo para jogar hóquei e se entregar no jogo. E quem, raios, provocaria o Tampa Bay?

Alexandre: O Ovechkin não é de provocar? Pelo contrário: ele é *muito* de provocar. A diferença é que, ao contrário de inúmeros provocadores liga afora, ele se garante.

Daniel: Lembre-se que, por bem ou por mal, Capitals e Bolts são rivais de divisão. Mesmo que o time de Tampa seja cachorro morto, ainda é prazeroso chutá-lo. Ou os torcedores dos Wings perderam o prazer em vencer os Avs? Não quero insinuar maldade por parte do Ovie na comemoração; realmente acho que foi pura inocência. Mas justifica-se a reação em Tampa.

Marcelo: A mim não interessa se eu mesmo gostei ou não da comemoração em si. Por mim, os jogadores podem comemorar como bem entendem, com dancinha sincronizada, simulando bebê no colo, com beijinho para a plateia. Enfim, como quiserem. O que me impressiona é essa inacreditável onda de palhaçada para cima disso, sobretudo depois de ler até mesmo gente (acho que no Yahoo) sugerindo penalidade para determinadas comemorações. E dou meus parabéns ao Ovechkin por quebrar a barreira da comemoração-padrão.

Fabiano: Agora, até Jeremy Roenick entrou na história. Ou melhor, ele demorou a entrar na história, ainda mais linguarudo como ele é: "Se não tivermos jogadores dispostos a forçar a barra, vamos ficar muito chatos. Às vezes temos de fazer algo um pouquinho divertida." Pena que o Brett Hull virou GM e não é mais boca aberta. Teríamos outra pérola como essa.

Se Cherry fosse normal, não apareceria em rede nacional vestido mais esquisito que o Falcão

Conclusão da equipe? Nenhuma, porque queremos estender o debate a você, leitor. Participe desta discussão. Ovechkin exagerou em sua comemoração? A liga deveria proibir coreografias? Ou tudo foi superdimensionado e valeu apenas pela divulgação da liga nos Estados Unidos? Não deixe de nos enviar a sua opinião por meio do formulário de contato, via comentário no Blog da Redação ou deixando o seu recado em nossa comunidade no Orkut. Na semana que vem as manifestações dos nossos leitores serão publicadas na seção Faceoff.

O recrudescimento da IMBECI

O nível de babaquice do movimento politicamente correto já alcança níveis extraordinários: vejam que a comemoração de Alex Ovechkin ao marcar seu 50.º gol na temporada (eis a "polêmica" comemoração: ele apenas colocou o taco no gelo e simulou estar aquecendo suas mãos sobre o imaginário taco quente, pegando fogo) inovou o padrão da NHL. Para quê?

Abutres do esporte — e também alguns bem-intencionados, porém entorpecidos pelo burlesco mal do movimento politicamente correto — logo começaram a questionar se aquilo não seria um insulto ao espírito esportivo. "Ele passou dos limites." Limites de quê? Chega a ser inacreditável, mas esse tipo de palhaçada rende hoje em dia. Até eu estou dedicando este espaço para tanto. Veja bem, Ovechkin não foi gozar da cara dos adversários. Sequer olhou para ou fez menção a eles. Sequer olhou para a torcida. Não fez cara de mau, não gritou, não correu pelo gelo, não fez sinais para quem quer que seja. Foi apenas um gesto inovador, particular dele. É como o jogador olhar para cima e agradecer aos céus (isso também seria inovador na NHL de hoje) depois de marcar um gol. Mas já foi o suficiente pra esse bando reclamar.

A palhaçada na verdade começou com o folclórico Don Cherry, semanas antes. Sem ter algo mais útil para fazer na vida, ou sem notícias para aparecer, ou já acometido por problemas mentais da velhice, ele decidiu pegar no pé das comemorações do Ovechkin. Provavelmente também frustrado de ver que o canadense Sidney Crosby (Cherry é tido como um porta-voz dos canadenses e americanos nessa história de América do Norte x Europa no hóquei), mes-

TEXTO
Marcelo Constantino
FOTO
Dan4th/Flickr
LEIA NO SITE
/2009/224/colconstantino.php

LIDADE

mo com toda a propaganda na mídia local, está abaixo de seu grande rival Ovechkin, Cherry lançou a bomba de que as comemorações do craque russo estavam, digamos, fora do padrão do espírito esportivo da NHL.

Até aí, vá lá. É a opinião de uma figura folclórica, não é para se levar a sério. O problema é que a babaquice recebeu eco na mídia. E, plantada a semente, logo vieram os abutres para cima da carniça. Rick Tocchet, técnico do Tampa Bay Lightning — time que tomou o 50.º gol de Ovechkin — disse que a tal "polêmica" comemoração não é algo de que goste. "É difícil ver isso no nosso estádio. Ele é um grande jogador, mas caiu no meu conceito depois disso."

O próprio técnico do Washington Capitals, Bruce Boudreau, disse que conversaria com Ovechkin depois do jogo. Conversar o quê? "Olhe, Ovechkin, não comemore o gol assim, não. Faça como todos os outros fazem: sorria, feche os punhos, receba cumprimentos e pronto." Seria isso? Breve teremos um manual com regras de etiqueta ao marcar gols na NHL. Cheguei a ler que arautos da imbecilidade cogitaram a idéia de se criar penalidades para comemorações! É grotesco, mas faz todo sentido, diante do carnaval de patetices atual.

O próximo passo deverá ser pedir aos jogadores para que não comemorem mais os gols marcados. O citado *Manual de Etiqueta ao Marcar Gols* (com maiúsculas fica mais sério) dirá: "Ao marcar um gol, o jogador deve abaixar sua cabeça e dirigir-se normalmente ao banco de reservas ou ao seu campo defensivo. Celebrações, ainda que contidas, devem ser evitadas. No máximo, o jogador poderá receber os cumprimentos de seus companheiros." Soa patético? Os abutres, no fundo, devem adorar. Depois disso, por fim, a orientação deverá ser para que os jogadores peçam desculpas ao marcar gols. A vitória final da babaquice.

Marcelo Constantino *também quer ser excomungado pelo Arcebispo de Olinda.*

Capitalizando na derrota

TEXTO
Eduardo Costa
FOTO
Michel Meynsbrughen/Stock.Xchng
LEIA NO SITE
/2009/224/coleduardo.php

Enquanto a luta pelo mando de gelo e pelas últimas vagas para a grande dança estão ganhando forma e ocupando sua merecida parcela de protagonismo, olhos atentos também estão direcionados para a outra extremidade. Nos porões da tabela também há muito o que acompanhar, ainda mais quando está em jogo o que muitos analistas consideram ser as duas mais novas joias da coroa. John Tavares e Victor Hedman são peças perfeitas para qualquer equipe que se encontra em processo de renovação. O canadense parece ter um pacto com o disco. Um pacote completo que ilusiona e vem correspondendo em todos os níveis, mesmo com os holofotes sobre si. Já o sueco é um raro exemplar. Geralmente defensores demoram a mostrar todas suas virtudes, mas aos 18 anos ele já é um fator na Elitserien e já fez sua estreia na seleção adulta.

Com isso, quem terminar na fossa (?) absoluta da NHL poderá escolher entre o artilheiro luso-canadense ou o gigante de 1,98 m e 103 kg. Mesmo que os 48,2% de chances de obter a primeira escolha geral sejam derrubados pelo "azar", os 51,8% para a segunda chamada do dia — nenhuma equipe pode perder mais do que uma posição nessa jogatina — garantirão um sorriso em faces antes tristonhas. Para a alegria das outras equipes menos piores, também existe recompensa. Nem só o último da fila será "agraciado". Até mesmo o 26.º colocado tem suas chances (8,1%) de levar o novo messias para casa. O New York Islanders foi a equipe que mais escalou os degraus desse sistema. Em 2000 era a quinta equipe na tabela de probabilidades e acabou ficando com a primeira colocação geral. O sábio e sagaz gerente geral Mike Milbury recrutou Dany Heatley. O quê? Ele selecionou o goleiro Rick DiPietro com aquela escolha? Mas ele já não tinha na organização um certo Roberto Luongo? Ah, sim, ao escolher DiPietro, Milbury poderia usar Luongo como moeda de troca e abocanhar um craque como — neste momento, finja escutar as primeiras notas de *Concerto para Piano e Orquestra Número 1*, de Tchaikovsky — Oleg Kvasha. Senhoras e senhores, um gênio esse Milbury!

Mas nem todos os gerentes gerais são ingênuos e gostam de dar presentes aos seus colegas de profissão. Alguns adotam até mesmo uma tática que muitos consideram asquerosa, mas que uma parcela considerável da torcida e até mesmo imprensa aceitam e validam como estratégia "coerente": quando avistam aquele prospecto imperdível, eles enfraquecem o máximo que podem seu elenco, sobem prospectos antes da hora e mandam o pouco talento que têm para pastagens mais verdes. É quando perder é melhor que vencer.

Pegue como exemplo o Washington Capitals. Quando viu que o time não iria a lugar algum na temporada de 2003-04, que perderia ainda mais dinheiro com isso e que havia dois russos de nível faraônico elegíveis no recrutamento seguinte, o GG George McPhee, com aval irrestrito do dono do time, Ted Leonsis, fez de tudo para afundar o máximo possível na tabela. Se era para renovar, que fosse algo radical. Na queima de estoque em busca da "renovação" vimos McPhee despachar Jaromír Jágr para os Rangers, Robert Lang para os Red Wings e Sergei Gonchar para os Bruins. Na mesma liquidação, Peter Bondra, Michael Nylander, Mike Grier e Steve Konowalchuk também foram negociados. Um desmanche para nenhum galpão escondido na periferia do Rio de Janeiro colocar defeito. Mesmo tendo ficado em penúltimo lugar no apagar das luzes, os Capitals deram sorte na loteria e adicionaram o inflamável russo Alexander Ovechkin com a primeira escolha geral, o que mudou radicalmente o rumo da franquia. O lanterna naquela oportunidade, Pittsburgh Penguins, levou o melhor prêmio de consolação da história do hóquei: Evgeni Malkin foi recrutado logo após El Ocho.

Exemplo recente a ser copiado?

O colunista do jornal *Denver Post* Adrian Dater acha que sim e cita aquela temporada como um exemplo de "entrega" a ser seguido pelo Avalanche, outrora integrante da elite da NHL e que hoje vive seu pior momento desde que chegou às Montanhas Rochosas, em 1995. Não há duvidas de que a mediocridade foi bem recompensada cinco anos atrás. Infelizmente, nosso nobre colega Dater comparou a atitude dos Capitals à dos Coyotes, que, segundo ele, teriam vencido naquela mesma temporada 14 de seus últimos 21 jogos. Você pode comprovar que ele está errado neste link. Ou neste. Ou ainda

neste aqui. Na verdade, o time do Arizona seguiu a corrente dos Caps e perdeu jogos em escala industrial naquele final de temporada.Apenas não conseguiu ser pior que os Caps, o que aumentou as chances de o time de DC levar Ovechkin para a capital ianque na loteria.

Mas o ponto principal aqui é um jornalista que segue bem de perto o time da cidade deixar bem claro que prefere ver a equipe perder partidas em profusão, em busca de um futuro mais promissor, embora por meios poucos nobres. A opinião de Dater coincide com a de boa parte da torcida do time de Denver, embora esteja longe de ser uma unanimidade. Há quem não aceite a prática, mesmo que isso signifique a aquisição de um talento inferior no recrutamento. Para alguns seguidores dos Avs, essa atitude poderá até mesmo ser castigada pelos deuses do hóquei.

A imensa legião de torcedores do Toronto Maple Leafs e boa parte da imprensa da maior cidade canadense vivem o mesmo dilema há várias temporadas. Imagine a orgia midiática que significaria ter Sidney Crosby vestindo a camisa azul e branca. Até mesmo um Jonathan Toews já seria uma adição monstruosa. Mas quase todo ano é a mesma coisa: os Maple Leafs resolvem vencer jogos na segunda metade do ano, o que não tem sido bom o bastante para ir aos playoffs, mas também deixa a organização longe dos mais valiosos prospectos. Na temporada de 2005-06, eles desataram a ganhar jogos em março. Acabaram na nona colocação. Na campanha seguinte, adivinhe quem foi o nono colocado no Leste? Sim, os Leafs, mais uma vez. Na última temporada, venceram 13 de seus últimos 22 jogos, o que foi fundamental para terem saído do grupos dos cinco que disputariam o direito de escolher Steven Stamkos — que, se não teve um início de carreira na NHL dos mais brilhantes, vem, nos últimos meses, mostrando que é realmente um jogador especial. O Toronto, porém, obteve o ótimo defensor Luke Schenn, mas teve que negociar uma subida nos degraus do recrutamento com os Islanders, o que poderia ter sido evitado caso tivesse perdido alguns jogos a mais.

O goleiro Peter Mannino: da ECHL para o holofote da luz vermelha atrás do gol dos Islanders

No ritmo atual, só algo extremamente descarado poderia colocar os Leafs em rota de colisão com Tavares. Playoffs? Só pela televisão. Mais do mesmo. Hoje a esperança da maioria dos seguidores azuis é ver o time ser ruim o bastante para que alguém talentoso como Matt Duchesne faça parte da organização em breve.

Quem está "na frente"

A corrida por Tavares tem um favorito claro: após uma sequência de vitórias que assombrou duplamente sua torcida, a alta cúpula dos Islanders resolveu agir. Como seus atletas estavam se dedicando muito, fato normal, pois estão brigando por um lugar ao gelo na liga, era preciso desacelerar o crescimento inesperado do time. Chamaram um goleiro de nível ECHL, que nossa gloriosa seção Prorrogação chama faceiramente de "terceira divisão" do hóquei profissional. Peter Mannino ainda cometeu o descaramento de defender 40 chutes em sua estreia. Mesmo com essa ousadia, os Isles perderam três de seus últimos quatro embates e novamente estão relaxados na vanguarda do enxurro (?). E ainda nos perguntamos por que Garth Snow demitiu Ted Nolan nas últimas férias... É bem mais fácil convencer um treinador novato na NHL, como é Scott Gordon, do que o conflitante Nolan, quando o assunto era seguir à risca o plano de "queda" da equipe para essa temporada. Também não podemos culpar Gordon, que está garantindo sua continuidade no cargo agindo assim.

O resultado final de quem afunda sem cerimônias em busca de um futuro melhor pode ser a glória. Ou o castigo.

Ron Wilson, treinador dos Maple Leafs, assim como Nolan, é outro que abomina a simples ideia de entrar em um rinque de hóquei com outro objetivo que não seja vencer. Seu lado indócil foi potencializado assim que leu em um jornal da cidade que ele deveria armar sua equipe de uma forma que tornasse as derrotas uma possibilidade infalível. Escalar um goleiro desconhecido proveniente de uma liga inferior na reta final de uma temporada para despencar na tabela não é uma invenção do time de Long Island. De fato, o maior caso de derrotas programadas das história da NHL teve como fator decisivo um arqueiro que foi chamado da AHL para a NHL com a simples missão de fazer o que sabia melhor: levar gols.

FOTO: KARL B. DEBLAKER/AP

Vincent Tremblay era sinônimo de luz vermelha, sirene ou qualquer artefato que mostre ao universo que um gol acabou se ser anotado. Ele até mesmo se negava a passar por sinaleiras, já que elas sempre avermelhavam diante do árido guarda-metas. Tremblay foi a peça final da engrenagem enferrujada e emperrada que era o Pittsburgh Penguins na temporada de 1983-84, para conquistar um dos maiores mitos do esporte intergaláctico. Com o gênio Mario Lemieux disponível para o recrutamento seguinte, New Jersey Devils e Penguins jogaram, literalmente, para perder. Fizeram trocas e modificações táticas justamente a fim de levar o fenômeno para suas respectivas fileiras. Quando viu que *los diablos* não desistiriam facilmente, Tremblay foi chamado, e Lemieux acabou, como todos sabem, em Pittsburgh. Os detalhes desse conto são tão ricos que merecem uma coluna à parte.

Mario Lemieux foi o "prêmio" dos Penguins em 1984, quando ainda não havia a loteria

Mas nem sempre uma campanha sórdida proposital foi premiada. E outro exemplo também gera palavras incultas para outra missiva, que falará de Alexandre Daigle. Ele brilhava intensamente nas ligas juniores, o que fez dele um prospecto "imperdível" para os Senators, que foram além da ruindade na campanha de 1992-93. Quando os Sharks se aproximaram de seu objeto de desejo, o mandachuva do time de Ottawa usou até mesmo o contrato de quatro atletas para garantir que Daigle iria mesmo para sua organização. Todos sabemos que o que funcionou perfeitamente para os Penguins falhou miseravelmente com os Senators.

Glória e castigo. Um desses pode ser esse o resultado final para as agremiações que, pensando em um futuro melhor, preferirem afundar sem muitas cerimônias. Você pode torcer por derrotas de seu time e acabar festejando os gols de um Patrick Kane ou pode também ter revirado seu estômago — porque não deve ser fácil torcer contra — em troca de um embuste como Daigle.

Vale a pena ou não? É desonroso ou válido? Com a palavra você, o torcedor. O certo é que algo deve ser mudado. As grandes safras produzidas nos últimos anos vêm premiando as equipes que passam por um bom período de inércia e mediocridade. Isso pode virar um círculo vicioso. Ao invés de trabalhar, apenas definhar e colher os prospectos do amanhã.

Eduardo Costa *tem um quarto que mais parece uma banca de jornal.*

FOTO: TSUNAMI330/WIKIPÉDIA

Corrida maluca

Teoricamente a viagem a Nova York não poderia ter sido pior para o Pittsburgh Penguins. Violentados pelos Islanders por 11-3, conseguiram apenas manter a coisa menos indigna na partida seguinte contra os Rangers, quando caíram por 6-1. No íntimo, tudo estava ocorrendo como planejado. Foi quando um obscuro arqueiro resolveu entrar no meio de um sonho. Duas vitórias consecutivas? O gerente geral dos Penguins, Eddie Johnston, havia visto o bastante.

Roberto Romano cometeu a heresia de levar seu time novamente ao caminho das vitórias. Dois prélios onde ele bravamente resistiu às ofensivas adversárias. Um desses jogos justamente contra o New Jersey Devils, uma equipe que também estava bem longe de ser considerada uma máquina naquela temporada de 1983-84. Romano não estava apenas vencendo jogos, ele estava "tirando" Mario Lemieux de Pittsburgh e jogando o mais valioso atleta a ser recrutado na história da liga nos braços dos Devils. Romano estava sabotando os planos de sua própria equipe.

Bem antes mesmo de aquela temporada começar, o mundo do hóquei olhava para Laval, cidade da região metropolitana de Montreal, onde Lemieux pulverizava recordes na liga júnior da província de Quebec. Dono de um talento de níveis estratosféricos, Lemieux fez com equipes buscassem formas de potencializar suas chances de contar com ele anos antes de sua elegibilidade para um recrutamento. Até mesmo equipes que faziam parte da bancada vencedora agiram.

Claro que o Montreal Canadiens era uma dessas equipes. Sem o antigo benefício de poder recrutar um franco-canadense antes de qualquer outra equipe e com um time forte o suficiente para brigar por vitórias, restou rezar para que a primeira escolha dos Whalers (que custou aos Habs um pacotão com Pierre Laroche e mais duas toneladas de escolhas) fosse boa o bastante. Essa troca entre Whalers e Canadiens foi realizada três anos antes do recrutamento de 1984, e até que as chances do Montreal não eram pequenas de conseguir o filho da terra. Os Whalers foram deprimentes e medonhos na campanha que definiria a sorte da estrela em potencial. Mas, para infelicidade *habitant*, havia time bem pior que o de Hartford na parada.

TEXTO
Eduardo Costa

LEIA NO SITE
/2009/224/coleduardo2.php

Os Devils estavam em um patamar tão depreciável que até mesmo Wayne Gretzky detonou a franquia, que chamou de "organização Mickey Mouse" após seus Oilers sapecarem nababescos 13-4, em novembro de 1983. Junto com os Devils segurando a lanterna estavam os Penguins, mas aquelas duas vitórias obtidas por Romano poderiam custar caro para as pretensões do time de Pittsburgh.

Então deu-se a mágica. Um movimento que tirou qualquer dúvida de que os Penguins — como organização, é claro — jogaram para perder naque-

la reta final foi executado pelo gerente geral. Romano, após duas vitórias seguidas, foi mandado para a AHL como castigo. O treinador Lou Angotti, que já contava com uma equipe digna da AHL, receberia do afiliado Baltimore Skipjacks o asquerosamente tenebroso arqueiro Vincent Tremblay, que chegou a ser reserva do próprio Romano na mesmíssima AHL.

Tremblay atuou em quatro partidas em janeiro. Correspondeu completamente às expectativas nele depositadas: quatro derrotas, com média de seis gols sofridos por jogo. Aquele goleiro, que nunca mais voltaria a atuar na NHL, recolocou os Penguins no rumo errado, como queria Johnston. Diante de tanto descaramento, os Devils colocaram a boca no trombone. Enquanto eles perdiam jogos por ser genuinamente ridículos, os Penguins jogavam sujo ao subir atletas desqualificados. Segundo o treinador Tom McVie, nem o GG Max McNab nem o presidente Bob Butera, e muito menos o dono John McMullen impuseram, ou sequer mencionaram, mudanças para que seu time afundasse ainda mais na tabela.

O Pittsburgh não respondeu às denúncias. Se o New Jersey estava blefando ou não, se eles eram apenas uma sub-equipe ou não, eles não pagariam pra ver. Após Romano ser castigado pela ousadia de obter vitórias, os goleiros dos Penguins entenderam o recado. Até o dia 19 de fevereiro os times estavam empatados em último lugar, com 31 pontos cada. Seguiu assim até meados de março, quando o Pittsburgh resolveu melhorar suas chances ao despachar o linha azul Randy Carlyle — esse mesmo que hoje treina o Anaheim Ducks — para o Winnipeg Jets em troca de uma escolha de primeira rodada e mais um atleta inominável. Carlyle vencera o troféu Norris havia três temporadas e era uma das poucas coisas que lembravam NHL naquele elenco.

Já os Devils entraram em uma sequência positiva que praticamente decidiu o destino de Lemieux. A tabela mostrava que dois dos três confrontos seguintes dos Devils seriam contra equipes que figuravam entre

Carlyle foi para os Jets, e os Penguins ficaram ainda piores

as cinco últimas da NHL. Venceram os Canucks — que acabaram indo aos playoffs —, para depois repetirem a dose contra o antepenúltimo colocado, o Los Angeles Kings. Aí houve o confronto direto: Devils e Penguins duelando em Pittsburgh. Reza a lenda que os atletas dos Penguins foram agraciados com uma festa homérica logo após uma derrota para os Capitals, na noite anterior. Greg Hotham, um dos jogadores que mais vestiram a camisa dos Penguins naquela temporada, limitou-se a afirmar que existiu, sim, uma confraternização, mas não deu detalhes do nível de "animalice" da mesma. Sabe-se lá como, o jogo teve "apenas" 11 gols, com os Devils vencendo sua terceira partida consecutiva por 6-5. O New Jersey só voltaria a ter sucesso mais uma vez nas 13 partidas que restavam na temporada. Mas não foi o bastante, já que os Penguins saíram derrotados em 10 de seus últimos 12 jogos.

Missão cumprida. No dia 9 de junho de 1984, em Montreal, Eddie Johnston selecionou Mario Lemieux, mudando a história da franquia e, de certa forma, a NHL. No Iglu de Pittsburgh, 3 mil torcedores acompanharam o recrutamento pela televisão, pouco menos do que a quantidade de pessoas que costumava a ir aos jogos do time até então. Já os Devils tiveram que se contentar com Kirk Muller. Embora o central tenha sido um ídolo em East Rutherford, ele acabou indo parar em Montreal, curiosamente após os Devils serem eliminados pelos Penguins de Lemieux nos playoffs de 1991.

Alguns anos depois, McNab reconheceu que o futuro da franquia — e o seu — poderia ter sido ainda melhor caso o time tivesse recrutado Lemieux, mas disse também que não se arrepende de não ter trazido um goleiro reserva de uma liga menor para "melhorar" as chances de um fracasso. "Existiam princípios envolvidos, revirar-me-ia o estômago só de pensar em mandar meu time ao gelo para perder."

Teriam os Devils adotado outra postura, que não a defensiva, caso tivessem levado a melhor naquela "corrida" e ficado com Super Mario? Teriam os Penguins sobrevivido sem Lemieux? Estas são perguntas que, graças à intrépida figura de Vincent Tremblay, jamais serão respondidas.

Eduardo Costa *está cansado após escrever três colunas nesta tarde de sábado.*

FOTO: S. LEVY/GETTY IMAGES

Crime e castigo

Não, ele não foi um atleta medíocre; longe disso. Mas diante do que fez na NHL, comparado às expectativas nele depositadas, a carreira de Alexandre Daigle é sinônimo de fracasso. Ele é lembrado em todos os recrutamentos como exemplo de desperdício, até mesmo por analistas de fundo de quintal, como este que vos escreve. Daigle, porém, acabou rendendo mudanças significativas no processo de recrutamento da NHL. Mudanças perto de ser consideradas antiquadas.

Os Senators, tais quais uma virgem donzela, deixaram-se seduzir facilmente pelas falsas promessas que circulavam pela imprensa. Daigle seria um prospecto imperdível, alguém que poderia mudar os rumos de uma organização. Não foram poucos os que, naquela campanha de 1992-93, se lembraram das mudanças que aconteceram nos Penguins, então monarcas da NHL. O bicampeonato do time da Pensilvânia não teria sido possível sem a canonizável figura de Mario Lemieux, obtido quase uma década antes graças a uma campanha para lá de suspeita. Ao contrário dos Penguins, cuja diretiva adotara em 1983-84 medidas para um afundamento completo (ver texto à página 23), o Ottawa era uma equipe de expansão, desabençoada pelos deuses do hóquei e ruim por natureza. Muitas derrotas eram esperadas, mas a turma se superou.

O time começou vencendo os Canadiens no acanhado Ottawa Civic Centre (o que gerou no dia seguinte em um jornal local a manchete "Talvez Roma tenha sido construída em um dia"), mas aquela seria uma das poucas alegrias de uma catastrófica temporada. Além daquele festivo retorno da cidade canadense ao hóquei da NHL, apenas nove vitórias foram conquistadas. Mesmo entre tanta inaptidão, um dos donos soltou a frase que marcaria ainda mais aquela campanha. Após uma rara vitória sobres os Nordiques, já em fevereiro, um membro da alta cúpula deu uma declaração que deixou muitos curiosos: "Apenas dois times conquistarão seus objetivos ao final da temporada." Óbvio que não era da Copa que Bruce Firestone falava. Era da febre Alexandre Daigle. O objetivo a ser conquistado pela sua organização: Daigle ou morte!

O sucesso diante do New York Islanders por 5-3, em 10 de abril, foi a única vitória dos Sens como visitantes. Uma marca pra fazer inveja até mesmo no torcedor do Atlanta Thrashers. Mas um resultado que colocava em risco o "projeto Daigle". Mas os Senators não estavam sozinhos nessa briga de desnutridos chihuahuas. Não mesmo.

TEXTO
Eduardo Costa

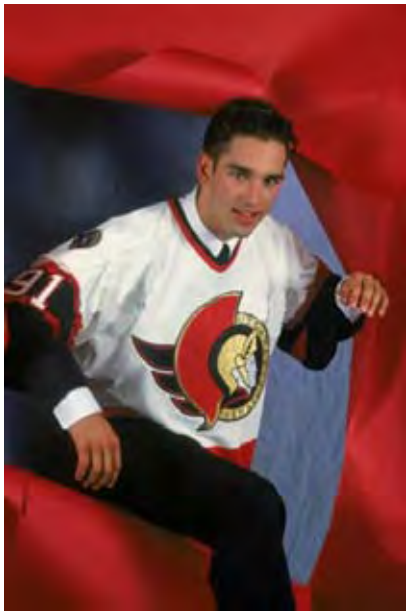
LEIA NO SITE
/2009/224/coleduardo3.php

Havia também um peixe voraz por derrotas seguindo a mesma correnteza. Os Sharks perderiam 71 jogos naquela mesma temporada, um recorde.

Ninguém esperava que um time cujo artilheiro era o simplório Norm Maciver fosse vencer um bom time como aquele dos Islanders — que acabariam eliminando os Penguins nos playoffs — em pleno Nassau Coliseum. Aquela rara vitória fazia com que os Senators empatassem em pontos com os Sharks. A única "vantagem" do Ottawa era ter uma vitória a menos.

Enquanto Daigle fazia miséria nas ligas juniores canadenses, as duas equipes enxergaram a reta final de em uma corrida em que quem praticasse o hóquei de forma mais depreciável levaria um grande prêmio. Com ambos os times com 24 pontos, os Senators fecharia a temporada em 14 de abril, frente aos Bruins. Um dia depois os Sharks enfrentariam os Flames. Um mísero empate, e Daigle escaparia das mãos dos Sens, já que os Sharks não seriam loucos, e nem capazes, de vencer o Calgary fora de casa. É óbvio que os Bruins saíram vencedores. A corrida estava ganha. Alguns ignoraram as suspeitas, afirmando que a ruindade daquele elenco dispensava um suposto esquema de derrotas.

Até que a eterna combinação cerveja mais animação falou mais alto. Firestone deixaria escapar, meses depois daquela bendita derrota, que mandaria sua equipe até mesmo retirar o goleiro, se isso ajudasse na tarefa de perder para os Bruins. A língua falou demais justamente em um clube noturno em Quebec, cidade onde, um dia antes, o recrutamento havia sido realizado, na arena Colisée. Feliz da vida por ter conseguido o menino Daigle, ele ignorou até mesmo um bom contingente de repórteres presentes ao local. O jornal *Ottawa Citizen* jogou toda a obra fisiológica de Firestone no ventilador, e, sob fogo cruzado da NHL, o figurão disse que tudo foi fruto de uma declaração sem muita importância, produzida por ele após "oito, talvez nove cervejas". Mas o mesmo Firestone confirmou reuniões que teve com quatro jogadores, que foram até ele debater sobre como deveriam buscar o "melhor" para o time naquele último jogo.



Os Senators aprederam da forma mais difícil que nem sempre a malandragem dá certo

Segundo a imprensa, um acordo teria sido feito. Os quatro arcanjos da derrota facilitariam o esquema caso tivessem a certeza de que retornariam para a temporada seguinte, o que acabou acontecendo. Todos com contrato renovado. Firestone não fez muito esforço para negar esse rumor, e até hoje os nomes dos "delivery boys" jamais vieram à tona.

O defensor Brad Shaw foi um dos poucos a tentar fazer cartaz e salvar sua honra: "Quando a temporada entrou na reta final, sabíamos que, se a direção tivesse uma escolha, seria a de que deveríamos perder o resto de nossos jogos. Mas havia entre a gente muito orgulho e brio, e o melhor era fazer nossos olheiros trabalhar para buscar um alternativa a Daigle." Talvez esse bolsão de honestidade tenha levado Firestone a fazer uma proposta inusitada aos Sharks e à NHL. A primeira escolha iria para a equipe que mais somasse pontos nos jogos entre elas. Assim, um pouco da honra poderia ser salva. Os Sharks negaram o pedido prontamente. Não restou outro opção no cardápio: perder era preciso.

A conclusão disso tudo foi um Gary Bettman muito fulo da vida. Pisando nas tamancas que sustentam sua ignorância ímpar, ele nada pôde fazer contra aquela corrida suja em específico, mas depois decidiu pelo óbvio. Ou seja, uma loteria no recrutamento na NHL. E hoje esse mesmo sistema começa a parecer obsoleto. Resta aos que são contra a artimanha a esperança de que novos Daigles punam as organizações que se utilizem dessa faceta obscura do jogo. Tudo para que a mediocridade não seja premiada. Todos nos lembramos da carreira que Daigle construiu após receber um contrato de proporções bíblicas antes mesmo de entrar no gelo. Na verdade, nós nos lembramos de pouca coisa que ele tenha feito.

Eduardo Costa *ouve Andres Calamaro, el salmón!*

FOTO: M. CAMPANELLI/GETTY IMAGES

5 ORIGINAIS?

TEXTO
Thiago Leal
DESIGN
Alexandre Giesbrecht

LEIA NO SITE
/2009/224/colthiago.php

Com um tranco traiçoeiro por trás, Claude Lemieux quase esmagou o rosto de Kris Draper nas bordas do rinque da McNichols Sports Arena. De nada adiantou a indignação do Wing Dino Ciccarelli. O Detroit perdeu aquele jogo por 4-1, e o Colorado avançou às finais da Copa Stanley. Calma, esta não é mais uma matéria sobre o Banho de Sangue!

O fato que você acaba de (re)ler abre este artigo por causa de uma outra relevância: o Detroit foi o último dos Seis Originais vivo nas finais de conferência da temporada de 1995-96. Aquela foi a última ocasião onde os Seis Originais classificaram-se todos para a pós-temporada.

Os Wings foram justamente os líderes no Oeste e os vencedores do Troféu dos Presidentes. Avaçaram até as finais de conferência, quando perderam para o Colorado, num jogo que, como todos sabemos, ainda ia dar muito o que falar. O Chicago foi o terceiro. Varreu o Calgary na primeira rodada, mas em seguida foi eliminado também pelo Colorado. E o Toronto, que ainda jogava pelo Oeste, parou nos Blues ainda na primeira rodada.

No Leste, dois dos Seis Originais enfrentaram-se logo na abertura da pós-temporada: os Rangers tiraram o Montreal. O outro, o Boston, perdeu para a grande sensação daquele ano, o Florida Panthers. Era um tempo em que a liga tinha 26 times e apenas quatro assimétricas divisões. Depois disso, a temporada que teve o maior número de Seis Originais classificados foi a de 2001-02, quando cinco entre os seis avançaram. Apenas os Rangers ficaram de fora. Tivemos um Original em cada final de conferência. Mas, enquanto o Detroit passou pelo Colorado no Oeste, seguindo para ganhar a Copa, o Toronto não passou pelo Carolina.

A última vez que uma Copa foi decidida entre dois Originais foi em 1979, quando os Canadiens derrotaram os Rangers. De lá para cá ocorreram 28 decisões de Copa Stanley. Em 16 delas não havia nenhum Original presente. Os Originais ganharam sete das 12 finais em que tinham um representante. Nesse período, apenas Wings, Canadiens e Rangers venceram Copas. Leafs, Bruins e Blackhawks não ganham nada há décadas. O Toronto, aliás, não sabe nem o que é vencer uma conferência. Sua última final de Copa Stanley aconteceu junto com seu último título, em 1967, justamente a última temporada pré-expansão.

As expansões sempre foram muito criticadas em TheSlot.com.br, já desde a primeira edição da revista. Com o excesso de expansões após 1967, a liga foi inflando e as franquias chamadas "originais" foram cada vez mais perdendo espaço. Por pouco esta lista de times que não ganham Copas, citada no parágrafo acima, não foi engordada pelos Rangers, que conseguiram acabar com seu jejum de 54 anos sem títulos ao vencer a Copa em 1994. Àquela altura, o Detroit também vivia um jejum de décadas, sendo o Montreal a única equipe Original que vinha bem antes das expansões e continuou muito bem mesmo depois delas — apesar de, logo no princípio, Boston e Chicago terem conseguido ganhar seus títulos.

Dizer aqui que, com a quantidade de clubes hoje em dia, os Originais perde-

Os Bruins de Vic Stasiuk enfrentam os Habs de Jacques Plante em 1955: quando veremos novas fotos destas, coloridas?

FOTO: BETTMANN/CORBIS

ram espaço na liga é falar o óbvio. Mas a culpa disso também não é de quem chega, até porque as expansões não foram tão maléficas à liga — muito pelo contrário. A princípio as expansões agregavam novos valores à NHL. Quem consegue imaginá-la sem Oilers ou Islanders? Ou mesmo sem Canucks ou Sabres, dois times que nunca conquistaram a Copa, mas sempre contribuíram para aumento de rivalidades e o equilíbrio da tabela? O problema foi o excesso de expansões e a colocação de dois times na Flórida e um na Califórnia, por exemplo.

Mas não podemos simplesmente dizer que o fato de Leafs, Hawks e Bruins não ganharem nada há um bom tempo seja culpa dos Bolts ou dos Panthers. É claro que um pouco de planejamento e organização resolvem o problema. Basta contrastar o Detroit e o Toronto. O primeiro voltou a conquistar Copas em 1997 e manteve-se no topo como a principal franquia da liga nos últimos 13 anos, vencendo também seis Troféus dos Presidentes. Já os Leafs conquistaram apenas a Divisão Nordeste. Ou seja, nada. O Montreal manteve-se forte até ganhar sua última Copa em 1993. E até meados da década de 90 Chicago e Boston ainda mantinham times fortes e brigavam por títulos.

O motivo por que esses fatos vêm à tona agora é que, no presente momento, cinco entre os Seis Originais estariam classificados para a pós-temporada. Bruins e Red Wings já têm vaga garantida. O Chicago ainda não tem, mas está próximo. Rangers e Canadiens ocupam, respectivamente, a sétima e a oitava posições no Leste e, no momento, estão sendo ameaçados apenas pelos Panthers — a briga no Leste não está tão acirrada quanto no Oeste. A última vez que a NHL viu esse fato foi em 2002, quando apenas os Rangers ficaram de fora dos playoffs.

Quem ficaria de fora desta vez, caso os três já citados confirmem suas vagas junto aos dois já classificados, seria apenas o Toronto — que ainda tem chances matemáticas, mas tão pequenas que preferimos nem considerá-las.

E quem se importa com isso? Que diferença faria ter esses cinco (ou seis...) entre os finalistas? Pois bem. Se tiver se feito essa pergunta acima, seria melhor que você fosse com o cursor do mouse no X do canto direito superior da tela (ou na bolinha vermelha do canto superior esquerdo, caso use sistema operacional da Apple) e feche esta janela. Afinal, você não se importa com hóquei no gelo, mas apenas com o time por que torce. Principalmente pelos confrontos que a tabela no Leste proporcionaria atualmente. Caso a liga terminasse com a tabela exatamente com essa formatação, teríamos logo na primeira rodada dois belos confrontos, envolvendo duas grandes rivalidades, ambos repetindo a pós-temporada passada.

O primeiro deles seria Canadiens contra Bruins, uma das maiores (senão a maior) rivalidades da NHL. A série de 2008 entre as duas franquias teve sete jogos, com os Canadiens chegando a abrir 3-1 e uma forte reação dos Bruins em seguida. O jogo 6, vitória dos Bruins por 5-4, foi sensacional. Os Canadiens saíram vencedores do confronto no geral após fechar o jogo sete em casa com um shutout: 5-0. Montreal e Boston é um confronto histórico, e oito Copas Stanley já foram decididas no embate, com larga vantagem dos Canadiens, vencedor em sete delas — uma final que hoje em dia não é mais possível, devido à formatação de conferências.

Se para você não faria diferença ter os Seis Originais nos playoffs, é melhor você fechar esta janela, porque você só se importa com seu time

Já Rangers e Devils dividem uma rivalidade geográfica, devido à supremacia que a cidade de Nova York exerce sobre o estado de New Jersey. Os Rangers venceram a série do ano passado por 4-1, e no jogo 3, vencido pelos Devils na prorrogação, tivemos o curioso incidente da tentativa de Sean Avery de bloquear a visão do goleiro Martin Brodeur, o que deu origem à Regra Avery. Com o recordista Brodeur de volta e, agora, os Devils por cima dos Rangers, sem dúvida este seria um caso em que o New Jersey faria de tudo para se vingar do resultado da série da temporada passada. E que fã de um bom jogo de hóquei não gostaria de ver isso?

Pergunto-me quando teremos os Seis Originais de volta entre os finalistas. Com cinco deles se classificando neste ano e Brian Burke organizando os Leafs, acredito que isso pode acontecer mais rápido do que se espera — quem sabe, já na próxima temporada...

Thiago Leal *acha um saco aqueles ricões que acham que, por ter dinheiro, conseguem tudo que quiserem.*

A MÚ O CÃ

Desde que o Detroit Red Wings assinou um novo contrato com Henrik Zetteberg, no final de janeiro, várias perguntas ficaram no ar. A principal delas: a equipe vai conseguir manter Johan Franzen e Marián Hossa para a próxima temporada? A expectativa do gerente geral, Ken Holland, era a de assinar com um dos dois atacantes até o fim da temporada regu-

ULA ARA

TEXTO
Humberto Fernandes
DESIGN
Alexandre Giesbrecht
LEIA NO SITE
/2009/224/colhumberto.php

lar, o que não se concretizou. Ainda. Durante esta semana, em que os Red Wings viajaram ao Canadá, Holland manteve conversas com o empresário de Hossa, Ritch Winter, que reside em Edmonton. O jogador, por sua vez, deu sua parcela de colaboração, reafirmando publicamente a sua vontade de

permanecer em Detroit: "Para poder continuar nos Red Wings, estou preparado para aceitar menos dinheiro, mas em um acordo justo, então os dois lados ficarão satisfeitos. É o que procuro. Sei que, se eu fosse para outro lugar, poderia receber mais, mas estou disposto a receber menos para ficar aqui. Com esperança tudo vai dar certo." Franzen também já fez sua publicidade pessoal, admitindo que concederia um desconto para renovar em Detroit.

Baseado no contrato de Zetterberg, Holland espera conseguir um acordo de longo prazo com Hossa a um salário semelhante, na casa dos US$ 6 milhões por ano. Se é a vontade de ambos e se existe uma forma criativa de que isso seja feito, acredita-se que Holland dará um jeito de mantê-lo em Detroit. Além disso, o gerente também pretende manter Franzen no time, e seu provável salário é mais atrativo, cerca de US$ 4 milhões por ano. Para isso, ele sabe que terá que abrir mão de jogadores de salários mais baixos para que seus dois maiores artilheiros continuem vestindo vermelho e branco em outubro. Isso pode significar que os Wings terão um verão setentrional muito movimentado, não para anunciar quem chega, mas para dizer adeus a quem sai. "Nós vamos perder jogadores", lamenta Holland. "As únicas coletivas de imprensa que eu terei no verão serão para anunciar quais jogadores estão saindo. Não teremos entrevistas para anunciar quem está chegando."

Ou Franzen...

É possível que desta vez Holland não alcance seu objetivo, simplesmente porque mágica ainda não é uma de suas habilidades. Embora mantenha contato com os empresários dos jogadores, as negociações não evoluem. O que as partes já sabem é onde cada uma está, o quanto um lado pretende pagar e o quanto o outro lado quer receber. Ainda não se sabe qual será o teto salarial em 2009-10, mas é fato que não será muito maior que o atual, talvez US$ 58 milhões, existindo até o risco de decréscimo. Talvez ele fique com o valor vigente, de US$ 56,7 milhões.

O Detroit tem oito atacantes com contrato assinado para o ano que vem: Pavel Datsyuk, Zetterberg, Valtteri Filppula, Dan Cleary, Tomas Holmström, Kris Draper, Kirk Maltby e Darren Helm. Ao todo eles consomem US$ 23,9 milhões do orçamento, o equivalente a 42,2% do total. Toda a defesa do time tem contrato para pelo menos mais uma temporada, exceto Chris Chelios, em seu último ano na equipe. Nicklas Lidström, Brian Rafalski, Brad Stuart, Niklas Kronwall, Andreas Lilja, Brett Lebda, Derek Meech e Jonathan Ericsson demandam US$ 23,5 milhões, aproximadamente 41,4% do orçamento. No gol, apenas Chris Osgood está contratado, por US$ 1,4 milhão. Ty Conklin vai receber propostas irrecusáveis liga afora, muito acima do que o Detroit poderia pagar por um reserva e do que Holland realmente pagaria por um goleiro. É provável que Jimmy Howard, enfim, faça parte do time. Seu contrato é de US$ 717 mil. Então, com os goleiros, os Red Wings gastarão pouco mais de US$ 2 milhões. Ou seja, mais de US$ 49 milhões (87,3% do total) do teto salarial já estão comprometidos. Sobraram cerca de US$ 7,2 milhões para completar o ataque com pelo menos quatro jogadores.

Entre as opções no próprio elenco estão Tomáš Kopecký, Mikael Samuelsson, Franzen e Hossa, todos agentes livres irrestritos, e Ville Leino e Jiri Hudler, agente livre restrito. Leino provou que está pronto para a NHL. É um atacante talentoso e barato. Imagine que assine por US$ 1,5 milhão, quase o dobro do que recebe hoje. A gerência já demonstrou interesse em renovar o contrato de Kopecký. Seus US$ 500 mil atuais podem subir para US$ 850 mil. Por sua vez, Hudler, com uma produção estupenda (22 gols, 54 pontos) para quem atua poucos minutos por noite, faz a melhor temporada de sua carreira, progredindo ano a ano. Não faz sentido abrir mão de seu talento agora. Seu próximo contrato deve ter valor igual ao de Cleary, US$ 2,8 milhões por ano, a menos que ele também dê um desconto para a gerência e aceite míseros US$ 2,5 milhões e a promessa de um contrato lucrativo no futuro. Para Samuelsson as portas estarão abertas para procurar outra equipe.

FOTOS: ALAN NAKKASH/FLICKR E NICK PIETRANIEC/FLICKR

Sobraram US$ 2,3 milhões no orçamento, insuficientes para assinar com Franzen ou Hossa. Se Holland estiver disposto a abrir mão de vários jogadores, entre eles Hudler, para assegurar a permanência de um dos dois artilheiros, o espaço será maior. Mas até que ponto é válido abrir mão de profundidade em troca de um único jogador? "A decisão que teremos de tomar é: queremos ser muito fortes nas linhas principais e não ter profundidade?", pergunta o gerente. "É por isso que não estou agindo com pressa."

Se os Wings tiverem que escolher entre Franzen ou Hossa, qual a melhor opção? Franzen, 29 anos, está apenas em sua quarta temporada na NHL. Em 283 jogos, marcou 80 gols e 137 pontos. A Mula tem história curiosa em Detroit, a começar por seu apelido, criado por Steve Yzerman, que descreveu Franzen como uma mula, graças ao seu tamanho (1,98 m e 100 kg). Recrutado em 2004 na terceira rodada, foi trazido da Suécia no ano seguinte, aos 26 anos, e imediatamente integrou o elenco titular dos Red Wings. Central grande e forte, tinha como características, além de sua força, as habilidades defensivas. No entanto, na segunda metade da temporada de 2007-08, Franzen assumiu lugar na primeira linha de vantagem numérica da equipe e começou a fazer gols. Muitos gols. Terminou a temporada com 27, entrou quente nos playoffs e destruiu o Avalanche com nove gols em quatro jogos, recorde absoluto da NHL. Foi o artilheiro do time nos playoffs, com 13 gols, ao lado de Zetterberg, porém com seis jogos a menos, graças ao período em que esteve afastado por ter sido diagnosticado com um coágulo no cérebro. Tamanha atuação fez seu nome ser cogitado inclusive para o Troféu Conn Smythe.

Na atual temporada, Franzen manteve a mão quente, com 31 gols em 62 jogos — projetados em 82 jogos, resultariam em 41 gols. E não foram poucos os golaços, alguns dignos de jogada da semana. Mas disputar 82 partidas numa temporada é algo inédito para o sueco. Em todos os quatro anos com os Red Wings ele sofreu alguma contusão que o afastou de uma média de dez jogos por temporada, histórico que sugere uma "propensão" a contusões, embora isso possa acabar da noite para o dia. A grande dúvida em relação à Mula é definir se ele é ou está goleador, o que ele não foi na Suécia e em dois anos e meio de Detroit.

...ou Hossa?

Por sua vez, Hossa é apenas um ano mais velho que Franzen, porém com quase o triplo de jogos disputados no currículo. Foram 768 jogos, 335 gols e 713 pontos em 11 temporadas. Ele chegou a Detroit em julho, depois que seu empresário ligou para Holland e disse: "Marián quer jogar nos Red Wings." O eslovaco recusou fortunas de outras equipes, como Oilers e Penguins, para assinar por um ano com o atual campeão. Seu objetivo estava claro: ganhar o Santo Graal do hóquei pela primeira vez em sua carreira. Com os Wings, imaginava, ele teria maiores chances.

Recrutado e desenvolvido pelos Senators, disputou sete temporadas com a equipe, até ser trocado para os Thrashers, onde passou três anos antes de fazer escala nos Penguins no final da temporada passada. Hossa é um goleador nato. Tem no currículo sete temporadas com mais de 30 gols, sendo duas com mais de 40. Em outras duas ocasiões bateu na trave, com 29 gols. Além disso, é um jogador completo, responsável defensivamente e capaz até de desferir trancos. Outra de suas características é a durabilidade: antes da contusão sofrida na temporada passada, logo em sua estreia com os Penguins, Hossa fez seis temporadas seguidas com no mínimo 80 jogos. Pelos Wings, não participou de seis jogos, todos de fevereiro em diante. Talvez a sua desvantagem em relação a Franzen seja o histórico da organização, que valoriza os jogadores criados em casa.

Se o time esperar até o fim de junho para tomar sua decisão, terá informações mais precisas sobre quanto poderá gastar. Tudo indica que cada dólar economizado terá impacto no elenco.

Humberto Fernandes *preferia o Linha de Passe com Mauro Cezar Pereira em vez de Márcio Guedes.*

DISCO R

Lembro-me da primeira página do jornal *Columbus Dispatch* de 19 de abril de 2006. Os Blue Jackets tinham vencido os Stars no dia anterior por 5-4 na prorrogação, encerrando uma campanha de 26-18-3 pós-Natal, fato a se comemorar por aquelas bandas, especialmente depois de o time ter conseguido apenas nove vitórias nos 35 jogos iniciais. Ou seja, com a campanha total em 2005-06, é óbvio que o time não foi aos playoffs. Mas a reta final daquele ano, se não valeu grande coisa para o Columbus, serviu para dar esperança à torcida, tanto é que o subtítulo da chamada de capa do *Dispatch* daquele dia foi "Torcedores podem sonhar com os playoffs em 2007". Talvez essa frase possa ser considerada correta, afinal até agora, em 2009, playoffs para os Jackets só em sonho, mesmo. Isso pode mudar em alguns dias, tanto é que o embate entre Jackets e Flames em Columbus está sendo tratado em Ohio como "possível prévia do confronto na primeira fase". O ineditismo dessa frase em tal região à parte, por lá já contam a classificação para os playoffs como favas contadas. É compreensível, dada a grande diferença para o nono colocado, e ainda bem que a história do clube ainda é curta demais para registrar um padrão de fracassos homéricos, mas, considerando-se que o Columbus é o dono da pior equipe de vantagem numérica de toda a liga, eu esperaria um pouco mais para dar a vaga como garantida. Em partidas decididas por um gol de diferença, a campanha dos Jackets é de 18-13, e nessas mesmas partidas a produtividade (deveria eu cercar de aspas essa palavra?) do time ficou ligeiramente abaixo de 8,5%. Não estou nem tentando defender a tese de que talvez eles estivessem brigando por mando de gelo caso sua vantagem numérica fosse ao menos maior que os juros anuais da poupança. O que quero dizer é que ainda dá para cair na tabela, mesmo que não seja para fora do G-8, e nenhum time vai querer pegar Detroit ou San Jose logo de cara. Especialmente com uma vantagem numérica tão inofensiva.

Blue Jackets agradecem a torcida depois do último jogo em 2005-06: e em 2009?

Acabaram de lançar em Boston o DVD *A História dos Bruins*. No evento em um Hard Rock Cafe, estiveram presentes representantes de três gerações diferentes de jogadores: Gord Kluzak, Cam Neely e Milan Lucic. Já aqui no Brasil não existe um único DVD histórico sobre qualquer time de futebol. As poucas opções disponíveis são de conquistas razoavelmente recentes, como os DVDs lançados pelo São Paulo depois de cada um de seus três últimos títulos brasileiros ou o DVD que o Internacional lançou em conjunto com a revista *Placar* sobre a conquista da Libertadores de 2006. Enquanto isso, não é difícil achar camelôs com um respeitável acervo de DVDs futebolísticos histórios feitos "em casa" a partir de antigas fitas VHS. Os clubes não se entendem com as emissoras quanto ao valor dos direitos autorais. E todos perdem.

FOTOS: VJERAN LISJAK/STOCK.XCHNG NEAL C. LAURON/COLUMBUS DISPATCH

RISCADO

Duas semanas atrás, os Panthers estavam na briga até pelo mando de gelo nos playoffs. Sete derrotas nos últimos oito jogos fizeram o time despencar na tabela. E, se ainda não precisa de binóculos para enxergar o oitavo colocado, também este já não está mais ao alcance das mãos. Escrevo um pouco mais tarde que meus colegas, então sei da virada que os Panthers tomaram em Buffalo na quarta-feira, depois de abrirem 3-1 já no terceiro período. Tal derrocada não costuma acontecer com quem marca um gol tão de sorte como foi o terceiro do Florida: Michael Frolik chutou e seu taco quebrou-se; mesmo assim, o disco bateu no taco do goleiro Mikael Tellqvist, subiu, sem conseguir ser alcançado por Brett McLean, bateu na luva do defensor Henrik Tallinder e foi para o gol. Se sobrou sorte nesse lance, o que faltou depois? Para o técnico Pete DeBoer, faltaram defesas do goleiro Tomas Vokoun. Um comentário estranho: não é hora de acusar o goleiro, ainda mais quando ele passou a temporada salvando a pele do time. Vai ser difícil eu convencer alguém de que não estou torcendo contra: se o Florida realmente não se classificar, terei acertado todos os meus palpites no Leste.

Já que estou falando da quarta-feira, que grande duelo de goleiros fizeram Marc-André Fleury, dos Penguins, e Miikka Kiprusoff, dos Flames! Kiprusoff é daqueles goleiros que não precisam fazer acrobacias para fechar o gol, e comprovou isso mais uma vez, fazendo parecer fáceis várias defesas que exigiriam cambalhotas e paradas de mão de outros goleiros. Já Fleury fez uma defesa espetacular no segundo período, quando Curtis Glencross recebeu o disco com o gol praticamente vazio e chutou de primeira. Fleury, que no lance fez sua sombra operar com um delay de dois segundos, atravessou a área e desviou o disco, que passou raspando a trave oposta. Curiosamente, no finzinho do jogo Matt Cooke, dos Penguins, também não teve sorte com o gol vazio. Kiprusoff não o estava defendendo, pois os Flames, perdendo por 2-0, tiraram-no para dar lugar a um atacante extra. Cooke recebeu de Sidney Crosby no topo do círculo esquerdo e, sem ninguém à sua frente, chutou longe do gol, o que causou risos no comentarista da TSN. Apesar desse lance patético, não imagine que erros dos atacantes foram determinantes para as boas atuações de ambos os goleiros.

TEXTO E DESIGN
Alexandre Giesbrecht

LEIA NO SITE
/2009/224/colgiesbrecht.php

"Um sentimento terrível para mim." Foi assim que Marty Turco, goleiro dos Stars, descreveu a sensação de ser o responsável pela fraca campanha do time. Ele não é o verdadeiro culpado; as contusões que assolaram o time nesta temporada (leia mais na página 5) ocupam esse papel. Nessas condições um goleiro em excelente fase pode fazer a diferença, e as atuações de Turco não têm sido grande coisa. Ainda assim, a atitude do arqueiro é rara. Uma coisa é assumir a culpa quando se é efetivamente o responsável — suponha um frango no último minuto de uma derrota por 1-0 —; outra, mais difícil, é assumir uma parcela de culpa em uma situação já dura. Isso ajuda a construir a união de um time. Quando a situação melhorar, os colegas de Turco saberão que poderão contar com ele e que ele não fugirá da reta quando dos primeiros percalços.

***Alexandre Giesbrecht**, 32 anos, está ansioso por testar a portabilidade numérica, mas ainda não teve tempo de comparar preços.*

Liga Continental **em revista**

O Avangard Omsk foi do inferno ao paraíso inúmeras vezes nesta que é a primeira temporada da KHL. Óbvio que o ponto mais marcante, e lamentável, foi a morte de Alexei Cherepanov logo no início da competição. O trágico falecimento do talentoso jovem foi uma cruz pesada demais para o elenco. Meses depois o Avangard voltaria às manchetes quando o treinador canadense Wayne Fleming foi demitido no meio de uma partida contra o Vityaz Chekhov — mesma equipe que enfrentara o time de Omsk na noite em que Cherepanov faleceu. Fleming foi recontratado (!) horas depois. Jaromír Jágr, o dono do time dentro do gelo, convenceu a alta cúpula da Sibneft, companhia petrolífera que banca boa parte dos gastos do time, que Fleming ainda era o homem certo para o trabalho. Semanas depois Fleming foi novamente demitido, desta vez para valer. Pouco antes disso o arqueiro importado John Grahame teve seu contrato rescindido por motivos etílicos. Você sabe do que estou falando. Grahame exagerou, literalmente, na dose.

A TatNeft Arena, onde ocorreu o jogo decisivo entre Ak Bars Kazan e Avangard Omsk

Considerado um dos times mais fortes do país, o Avangard só obteve a classificação aos playoffs no último dia da temporada regular, quando contou com a colaboração de um rival histórico: o já classificado Metallurg Magnitogorsk tinha que vencer o Severstal Cherepovets, que estava a um ponto do Avangard, para que Jágr, Alexander Svitov e cia. cravassem a 16.ª posição. Aos 59:04 de jogo Denis Khlystov deu a vitória ao Metallurg, dando também a última vaga ao Avangard. Para o time de Omsk, isso significaria um confronto com o melhor time da temporada regular.

Salavat Yulayev Ufa sofre com a zebra: a decepção é verde

Atual campeão russo, o Salavat foi a equipe que mais se reforçara nas férias. O atleta mais famoso a ser incorporado foi o ex-atacante dos Predators Alexander Radulov, que seria companheiro de linha do ex-Hab Alexander Perezhogin e de Alexei Tereschenko, esse último campeão nacional quatro vezes, continental em duas e mundial com a seleção russa em 2008. Na meta havia a segurança do selecionável arqueiro Aleksander Eremenko. Apesar de ter caído nas semifinais da liga dos campeões da Europa frente ao Metallurg, o time de Ufa correspondeu durante a temporada regular da KHL: em apenas oito dos 56 jogos disputados ele saiu do gelo sem pontuar.

A diferença na tabela entre Salavat e Avangard foi de napoleônicos 51 pontos, mas quando a série começou, Jágr, apenas o oitavo na tabela de artilheiros, resolveu mostrar seu arsenal. Perdendo por 2-1 na melhor de cinco, o Salavat foi a Ufa em busca de uma sobrevida. Nada feito. Um começo arrasador dos rubro-negros decretou uma das maiores zebras já vistas em solo russo. Alviverdes na lona. Ao combalido Avangard, o triunfo.

CSKA humilhado no clássico moscovita

O clube mais laureado do continente não foi páreo para o Dynamo Moscou. Enquanto seu rival citadino varria o Dinamo Riga, clube de Marcel Hossa, com facilidade retumbante nas oitavas-de-final, o CSKA teve que ir até uma caudalosa quinta partida contra o bom time do Lada Togliatti. Treinado por Vyacheslav Bykov, que também é o capo da seleção russa, o CSKA foi varrido com tanta violência que deixaria Suzane von Richthofen transbordando de inveja. O jogo 2 da série foi o mais vergonhoso: o time da classe policial sapecou 7-0 nos representantes das forças armadas. Para fechar a série, outros 5-1, com gols até mesmo do veterano Alexei Zhitnik. Poucas vezes em sua épica existência o CSKA foi tão achincalhado após uma série.

FOTO: RUM141T/WIKIPÉDIA

Ray Emery sucumbe à força dos tchecos do Metallurg

Interessante o confronto entre o time da cidade do aço e o Atlant Mytishchi, do ex-arqueiro dos Senators Ray Emery. Ambos os times chegaram aos duelo com boas reservas de energia. O Atlant havia varrido o Traktor Chelyabinsk, time treinado pelo ex-casca grossa da NHL Andrei Nazarov, em um duelo em que Emery foi vazado apenas duas vezes, uma delas pelo inominável Pierre Dagenais. O Torpedo Nizhny Novgorod também não foi páreo para o Metallurg, que chegou à série contra o time da região metropolitana de Moscou como zebra. Além de Emery, o Atlant contava com o artilheiro da temporada, Sergei Mozyakin, um habilidoso ponta de 28 anos que contabilizou 76 pontos em 56 cortejos na campanha.

Mas logo atrás de Mozyakin na tabela dos maiores pontuadores vinha Jan Marek, o tcheco ceifador de goleiros, principal arma ofensiva do "Magnitka". Mostrando que aquela série seria mesmo equilibrada, o primeiro jogo foi decido na prorrogação. Andrei Zubarev deu a vitória ao Atlant. O Metallurg clamou por sua linha tcheca. Só ela poderia reverter a desvantagem. Jaroslav Kudrna, Tomáš Rolinek e Marek não falharam. Três vitórias consecutivas mandaram Emery e seus comparsas para suas respectivas atividades recreativas. Nessa série até mesmo Vladimir Malenkikh, a garça das estepes, fez um bom papel para os vencedores.

Spartak comete uma heresia e paga o preço. Maldito seja!

A terceira força histórica do hóquei moscovita teve nervo suficiente para eliminar o SKA de São Petersburgo, o time de ninguém mais, ninguém menos que Darius Kasparaitis — ora, em uma edição em PDF ele não poderia faltar. Barry Smith, treinador da esquadra litorânea, tinham em mãos um elenco para brigar com o Spartak, mas Branko Radivojevic — sim, aquele mesmo — esteve intragável, sendo um pesadelo constante para Robert Esche. Nem mesmo o poder vulcânico de Kasparaitis e a experiência de Andrei Zyuzin, Sergei Brylin e Maxim Sushinsky evitou a varrida.

Mas as mãos que varrem sem remorsos são as mesmas que vão vergonhosamente ao rosto. O Spartak foi facilmente varrido pelo Lokomotiv Yaroslavl, atual vice-campeão nacional, na sequência dos playoffs. Os maquinistas têm como principal articulador o bipolar Alexei Yashin, que pelo menos na Rússia honra parte da grana que recebe. Centrando a linha do ex-campeão da Copa Stanley Josef Vašícek e do internacional tcheco Zbynek Irgl, Yashin passeou entre a defensiva rubra.

Ak Bars derruba a zebra rubro-negra

Voltamos ao Avangard para podermos encerrar essa missiva sobre as duas primeiras fases dos playoffs em grande estilo. O Avangard Omsk e a representação de Kazan já chegaram a duelar em uma finalíssima de Superliga (2005-06). Na oportunidade o Ak Bars levou a melhor utilizando algumas armas que ainda estão em sua posse. Zinetula Bilyaletdinov, o treinador quebra-línguas, já não conta mais com Sergei Zinoviev — transferido para o Dynamo Moscou —, mas dois terços da linha mais famosa da Europa nos últimos anos continuavam com a equipe do Tartaristão: Danis Zaripov e o indefectível ex-Penguin Aleksei Morozov.

Os tártaros varreram o único representante cazaque da KHL, para a

FOTO: BASIL ARTEOMOVUE/FLICKR

O Ak Bars Kazan é um dos semifinalistas da KHL

infelicidade geral do meu amigo Igor Vasconcelos, o único anormal a torcer pelo Barys Astana por estas distantes bandas. A equipe de Astana contava com o maior número de fracassados já visto no hóquei. Figuras conhecidas de quem acompanha hóquei norte-americano há algum tempo, como Marc Lamothe, Tomáš Kloucek, Kevin Dallman, Trevor Letowski e Dan LaCouture. Fora fácil contra o Barys, mas na sequência, diante do Avangard, a chapa esquentou. Jágr e cia. chegaram a abrir 2-1 na melhor de cinco. Eles teriam a chance de fechar a urna do Ak Bars em casa, na bela Arena Omsk. Mas, amigos, algo de proporções catastróficas aconteceu naquele encontro.

Oleg Petrov, aquele mesmo que jogou nos Canadiens no século passado, arrombou a porteira e a boiada passou. Passou boi bandido, passou boi bumbá. Passou até meu ex-cunhado. Quando o primeiro período chegou ao final, o Ak Bars vencia por 6-0. Nos 40 minutos restantes o Avangard abriu a caixa de ferramentas. Morozov e o arisco finlandês Jukka Hentunen agradeceram. Quando o placar mostrava 9-0, Jágr deu a assistência para o gol de honra de Anton Malyshev. A orgia ofensiva dos tártaros não parou por aí: a sacanagem terminou em 11-1, placar para os anais da história do hóquei europeu. Em algum lugar do mundo Grahame gargalhava, certamente acompanhado de uma jarra de Velho Barreiro.

Muitos esperavam que o Avangard não teria força moral para reagir depois daquela chacina, na decisiva quinta partida. Mas o time mostrou brios naquela batalha. Em uma TatNeft Arena pintada de verde e vermelho, o Avangard esteve perto da façanha. Estavam tocando o céu com as mãos. Até que os deuses do hóquei serraram os pés da cadeira.

Jágr fez bonito no que pode ter sido seu último jogo pelo Avangard — a crise também chegou forte à KHL. Ele comandou uma virada que parecia definitiva. Por tudo que aconteceu com aquele time, por ter-se refeito após a humilhação de dias antes, e até mesmo pela memória de Cherepanov, reconheço que torci por eles. Mas o destino bateu forte no Avangard. Com 15 segundos restando, o linha azul Ilya Nikulin soltou uma bomba sem chance de resistência para Alexander Fomichev. O drama do banco do Avangard e a explosão da torcida em Kazan; tudo pode ser visto no YouTube. Seja indiferente se for capaz.

Agora, sim, moralmente destruído, o Avangard durou apenas dois minutos na prorrogação. O veterano Petrov selou a classificação do Ak Bars, encerrando ali a temporada de dramas e superação do time Omsk.

Quatro gigantes continuam na luta

As semifinais nos agraciam com duas séries entre presos pesados. Na primeira, Ak Bars e Dynamo Moscou voltam a medir forças. Habituais rivais em estâncias decisivas, fica complicado não dar favoritismo ao time de Kazan, mas é bom lembrar da invencibilidade e do grande momento vivido pelo artilheiro Matthias Weinhandl. Na outra chave, Metallurg e Lokomotiv reeditam a semifinal da temporada passada, quando Yashin e seus asseclas passaram sem problemas pelo time dos Urais. Hoje a coisa parece mais parelha. Eu jogaria uma moeda para decidir quem levará a melhor nesse confronto, mas estou duro. O resultado desse emparelhamento, e mais algumas facetas da segunda liga mais importante do mundo, estarão neste espaço em edições futuras. Isso é uma promessa. E, quando eu prometo, eu cumpro. Desde que eu me lembre, é claro.

Eduardo Costa *ficou embasbacado quando viu uma prévia do que seria essa edição em PDF. Parabéns e obrigado a Alexandre Giesbrecht.*

Ainda Iggy x MacInnis

Publicaram meu e-mail em TheSlot.com.br. Eu só mandei para reclamar porque botaram o Iggy em segundo num top 10 que fizeram sobre os Flames. Os caras nem são torcedores do time, nem sabem o que é Iggy! Agora, o podre foi que aportuguesaram meu e-mail: botaram "Copa Stanley" (eu escrevi "Stanley Cup") e "defensor" (eu botei "d-man"). Acho que o cara nem leu a reportagem que eu mandei. Enfim, se Iginla vencer uma Copa Stanley, vou mandar um e-mail para eles! "Ele é para os Flames o que Kobe é para o *Showtime*, o que Peyton é para os Colts, o que Ella é para o jazz." Essa frase resume tudo. Iginla é para os Flames o que Peyton Manning é para o Indianapolis Colts. Eu nunca fui para Calgary, mas converso com o povo de lá da comunidade do Calgary Flames, e a galera sempre falou que o Iggy é o maior ídolo dos Flames, mesmo sem Copa Stanley, o que demonstra o quanto ele representa para a torcida e para os Flames.

João Vítor, Belém, PA

P.S.: Eu tenho todo respeito por Al MacInnis, tanto que criei uma comunidade no orkut para ele.

Eduardo Costa: *Olá, João. Claro que li o link que você enviou. Na verdade, achei uma ofensa comparar Iginla a um atleta de uma liga cujos jogadores são, em sua maioria, egocêntricos. Mas, como mal sei quem é esse Kobe, não vou entrar nessa comparação. Também não sei quem é Peyton ou Ella; desculpe a ignorância. Claro que hoje o Iginla é o maior destaque dos Flames. O cara é respeitado não só em Calgary, mas até em cidades "rivais", como Vancouver — principalmente após aquele gesto com o Linden. Mas a coluna do George Johnson é muito focada no presente. Vencer uma Copa Stanley não coloca automaticamente um jogador acima do outro, mas quando carreiras são igualmente produtivas, serve como um belo desempate. O que MacInnis representou para os Flames? Basta olhar pro teto do Pengrowth Saddledome. Ele foi o destaque de uma geração que fez Calgary deixar de ser uma sombra na província. Não devia ser bom ver os Oilers ganhando tudo. O cara foi lá, importante em várias temporadas consecutivas, liderando COM FOLGA a artilharia no ano do único título e sendo destaque em outros playoffs também. Apesar de ser uma era de placares altos, defensor artilheiro de playoffs não é qualquer coisa. Como disse no texto, mesmo assim Iginla está muito próximo, na minha opinião (que pode não estar perto de ser a correta), de, com Copa ou sem Copa, tornar-se o maior da franquia. Questão de opinião. Respeito a sua também, porque não sou dono da verdade, mas não é porque não concordo com George Johnson que isso vá ser um absurdo. Ah, se na parte italiana da Suíça o pessoal fala "difensori" quando narra jogos do Ambri ou do Lugano, ou se o pessoal da RDS quebequense fala "défenseurs", não sei por que um brasileiro não pode falar "defensor". Abraço, João. Novamente deixo claro que valorizo sua opinião.*

Povo de TheSlot.com.br, um abraço. Quero fazer não só uma pergunta, mas também um desabafo. Existe na NHL um dirigente pior que Glen Sather? Se houver me digam, por favor, quem consegue fazer tanta besteira atrás de uma mesa e por tanto tempo. Quando penso que ele já tomou todas as decisões erradas possíveis, ele se supera. O contrato dado a Wade Redden até 2014 poderia muito bem ser dado a Jay Bouwmeester, que, acredito, não continuará nos Panthers. Muito mais jovem e mais útil. Mas não poderemos, porque US$ 6,5 milhões estão empatados por temporada, apenas com Redden. São quase dez anos de atraso que estamos vivendo com Sather. São quase dez anos de falsos começos. Que Sather pegue seus anéis e volte para o Canadá. Ufa, agora me sinto melhor.

Dante Gonçalves, Maringá, PR

TheSlot.com.br: *Dante, temos pouco a acrescentar ao que você disse. É um fiasco total a administração Sather nos Rangers. Você deve ter colocado em sua equação os péssimos contratos dados a Scott Gomez, Chris Drury e Michal Rozsíval. Com a fatia usada para manter apenas esses três, já daria para atrair duas linhas completas de bons atletas. Mas acreditamos que exista um gerente geral que briga palmo a palmo com Sather: Don Waddell.*

Se você *tem um site ou blog sobre hóquei no gelo – ou ainda quer organizar um campeonato com times da NHL no Rio de Janeiro –, entre em contato conosco, porque queremos divulgá-lo aqui. TheSlot.com.br agradece a todos os leitores que enviaram mensagens durante a semana. Para participar, basta usar o nosso formulário de contato.*